

**“ANDAR
COM
DEUS
E FAZER
O BEM”**



ALUNO(A)

SUMÁRIO

Lição 01: Servir com integridade – Mateus 6	4
Lição 02: Iluminando o Olhar – Mateus 6.22-23 / Lucas 11. 34-36.....	8
Lição 03: O fruto do Espírito em nós – Gálatas 5. 16-23.....	12
Lição 04: Viver no Espírito – Gálatas 5. 22-24	16
Lição 05: Fé e determinação – 2Timóteo 2. 1-13	20
Lição 06: “Lembraí-vos dos encarcerados” – Hebreus 13.3.....	24
Lição 07: Princípios da Amizade – Rute 1.1-18	28
Lição 08: As bem-aventuranças – Mateus 5.1-12	32
Lição 09: Israel e os gibeonitas – Josué 9.....	36
Lição 10: Construir um lugar habitável – 2Reis 6.1-7.....	40
Lição 11: Nossa relação com a natureza – Romanos 8.19-23.....	44
Lição 12: Diálogo e tolerância – Gênesis 11 1-9 / Atos 2. 1-13.....	48
Lição 13: Deficiência não é castigo – João 9.1-12.....	52
Lição 14: Ananias e Safira – Atos 5.1-11	56
Lição 15: O valor do Reino – Mateus 13.44-46.....	62
Lição 16: O amigo inoportuno – Lucas 11. 5-13.....	66
Lição 17: O que fazer com os talentos – Lucas 19.12-27	70
Lição 18: Quase Cristãos – Atos 26.28	74
Lição 19: Cura da maledicência – Tiago 1.26 / Mateus 18. 15-17.....	78
Lição 20: A negação de si mesmo – Lucas 9.23-25.....	82
Lição 21: A imperfeição do conhecimento humano – 1Coríntios 13.9.....	86
Lição 22: O Sepultamento de Jesus – João 19.38-42	90
Lição 23: O Caminho de Emaús – Lucas 24.13-35	93

EXPEDIENTE

Cruz de Malta

Revista para Escola Dominical – Jovens
Aluno(a)

Secretaria Executiva Editorial

Joana D’Arc Meireles

Colégio Episcopal

Hideide Brito Torres – bispa assessora

Coordenação editorial

Andreia Fernandes Oliveira

Equipe de Redação

Andreia Fernandes Oliveira
Mauren Julião

Colaboração

Edson Cortasio Sardinha
Enoque Rodrigo de Oliveira Leite
Eliana Estevam Emilio
Hebert Nogueira
Hideide Brito Torres
José Geraldo Magalhães
Kennie Ladeira Mendonça
Lucélia Fabricio Pinheiro
Roseli de Oliveira

Revisão

Mauren Julião

Projeto Gráfico e Editoração

NLopez Comunicação

Angular Editora

Departamento Editorial - Associação
da Igreja Metodista
Av. Piassanguaba, 3031 – Planalto Paulista
04060-004 – São Paulo
Tel. (11) 2813-8643 / (11) 2813-8600
escoladominical@metodista.org.br
<http://angulareditora.com.br>
[http://www.metodista.org.br/
escola-dominical](http://www.metodista.org.br/escola-dominical)

Todos os direitos nacionais e
internacionais reservados à



2018.1



PALAVRA DA REDAÇÃO

Querido(a) aluno(a)

Andar com Deus e fazer o bem estão interligados. Um testemunho cristão pleno se revela por meio de atitudes íntegras e bondosas. Se a maldade e a falta de integridade estão presentes em uma sociedade corrupta, a integridade e a bondade são valores inestimáveis no Reino de Deus e, portanto, marcas de uma vida de santidade.

Nesta revista, tratamos do tema da integridade e do caráter cristão, a partir das orientações da Palavra e da vida e testemunho de pessoas que se relacionaram com Deus e testemunharam seu agir. Dois blocos especiais se relacionam também ao tema: Parábolas de Jesus e Sermões de John Wesley, pastor anglicano do século XVIII que deu início ao movimento chamado metodista. Além disso, duas lições especiais sobre o período da Páscoa encontram-se no final da revista, considerando-se sua importância como evento fundamental da nossa fé.

Nosso intuito é que, a partir do estudo compartilhado da Palavra de Deus através das lições, crescamos como Igreja de Cristo no caminho da santidade expressa por amor ao Senhor e em amor pelo próximo.

Nossa oração é para que você aproveite bem este material, estudando com atenção cada lição e dedicando-se ao entendimento dos textos bíblicos, sob a direção do Espírito Santo ensinador.

Bons estudos!

Equipe de Redação



Lição 01

SERVIR COM INTEGRIDADE*

Texto bíblico: Mateus 6

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro”. v.24

Todo o capítulo 6 de Mateus é uma grande compilação de ditos de Jesus acerca de “princípios e valores”. Valores são as coisas que nos movem internamente, que são de fato importantes para nós. Já os princípios são verdades profundas. Possuem um caráter coletivo, e são a causa primária de nossos valores, os rudimentos, as origens que fundamentam nossas escolhas. Por exemplo, o arrependimento é um princípio bíblico pelo qual os valores de uma comunidade de fé se desenvolvem. As práticas das igrejas podem ser diferentes em alguns aspectos, mas sempre estarão de algum modo conectadas pelos princípios cristãos e tenderão a aproximar-se em aspectos comuns. Se fugirem demais, esses valores estarão em desconexão com o princípio.

O valor da Integridade

No capítulo 6 de Mateus, Jesus coloca a integridade como valor frente ao princípio da submissão a Deus e à sua vontade. Integridade, de acordo com o dicionário de significados, “tem origem no latim *integritate*, que significa a qualidade ou estado do que é íntegro ou completo. É sinônimo de honestidade, retidão, imparcialidade.” (<https://goo.gl/y4jx7j>).

Na prática, então, a integridade como valor aparece na pureza de intenção ao dar a esmola (2-4), ao orar (5-8) e ao jejuar (16-18). O objetivo dessas ações não é de apresentar-se aprovável e louvável diante das pessoas, mas, fazer o bem e agradar a Deus.

A oração do Pai Nosso (9-13) também aparece como modelo de oposição ao falatório dos gentios. O objetivo da oração não é convencer Deus das carências humanas, como os gentios estavam ensinados a fazer. Ao contrário, é relacionamento com Ele. Daí que a síntese dessa oração de Jesus ensina que, ao orar, devemos realmente dizer a verdade a Deus, em termos de necessidades, mas também receber dele as orientações necessárias, rendendo-lhe autêntica glória e louvor. Além disso, a oração expressa relacionamento com o próximo e para ter o valor da integridade é preciso orar para estar em contato com Deus e sensível às necessidades das pessoas. Caso contrário, a oração se torna hipócrita: parece, mas não é.

No restante do capítulo, o tema da integridade se relaciona com a fé, outro princípio, pois, “sem fé é impossível agradar a Deus”. Se cremos em Deus, então a totalidade de nossa entrega deve ser manifesta. Não podemos ter dúvidas de que Deus suprirá as necessidades físicas, emocionais e espirituais que temos. Devemos consolidar nossa fé, a fim de não ficarmos em um estado de divisão entre confiar e tentar gerir nossa vida por nós mesmos(as).

No verso 24, Jesus exemplifica o problema da falta de integridade, que gera oscilação entre dois senhores. Ele utiliza o exemplo do dinheiro, pois se trata de um valor consistente para o ser humano. Almejamos uma boa vida, sonhamos com condições tranquilas ou de abundância. O problema é que este valor, desvirtuando-se, pode ser colocado no lugar de Deus, gerando corrupção.

Onde está a Integridade da Igreja?

Warren Wiersbe, no já clássico “A crise de integridade” (1993), faz um duro diagnóstico sobre a perda de poder e de influência da Igreja no mundo. Segundo ele, “A Igreja acostumou-se a ouvir pessoas contestarem a mensagem do Evangelho, porque essa mensagem é loucura para os perdidos. Mas hoje a situação está embaracadamente invertida, pois o mensageiro passou a ser suspeito. Tanto o ministério quanto a mensagem perderam

a credibilidade perante um mundo atento, que parece estar a divertir-se com o espetáculo. 'Por que é que havíamos de escutar a igreja?', pergunta o mundo crítico. 'Com que autoridade vocês, cristãos, nos pregam sobre pecado e salvação? Ponham ordem na própria casa; depois talvez queiramos escutá-los'." (WIERSBE, 1993, p. 11)

A maior dificuldade que a Igreja enfrenta não é o pecado que existe no mundo ou o sistema pecaminoso no qual ela se insere, pois as Escrituras mesmo afirmam que "o mundo jaz no maligno" (1Jo 5.19). O maior problema da Igreja hoje é a falta de autoridade e de poder, características reconhecidas no ministério de Jesus e nos servos e servas que em todos os tempos atuaram em nome do Senhor. Quando, no decorrer da história, a Igreja se afastou dos padrões bíblicos de santidade e pureza, sua autoridade se esvaziou e ela perdeu o poder de salgar e iluminar. Com isso, a propagação do Evangelho transformador deixou de alcançar sua inteireza.

Mas como Cristo é o Senhor da Igreja, também por meio de seu Espírito Santo Ele levanta pessoas dispostas a trazê-la de volta ao caminho da santidade interior e prática. Todo avivamento começa por uma conversão, uma volta do povo de Deus aos princípios bíblicos e aos valores da Igreja de Cristo. O reconhecimento de que existe uma distância entre Deus e seus servos e servas é insuperável para que o derramar do Espírito Santo venha, trazendo a integridade outra vez.

O que realmente faz diferença?

A integridade como valor é algo que precisa de perseverança e continuidade. Para obtê-la no caminho do discipulado, precisamos ter cuidado com as influências em nossa vida.

É comum termos pessoas que nos inspiram e nos orientam em várias direções de nossa vida. Influenciamos e recebemos influências o tempo todo. Algumas dessas influências são perceptíveis e nítidas. Aparecem no nosso comportamento, no modo de vestir, nos ambientes que frequentamos, livros que lemos, expressões de fala, etc. Outras são mais sutis e profundas e podem emergir apenas em tempos de crises, de lutas profundas ou de grandes mudanças.

Porém, estar por perto das boas influências pode não ser o bastante. Judas esteve por perto de Jesus. Muitos dos companheiros próximos de Paulo o abandonaram quando ele estava em perigo. Da mesma forma, estar perto de más influências também não quer dizer a perdição total. Que o digam os amigos de Daniel, cercados por toda a idolatria e a opulência política perversa da Babilônia!

Então, o que pode, de fato, fazer a diferença?

Davi diz a Salomão para ser forte (1Crônicas 28). A palavra em hebraico para forte é transliterada como *rhazac*. No hebraico, o termo pode ser entendido como "ser constante, obstinado". Também pode ser traduzido como "fortalecer". Davi abençoa a Salomão com esta palavra e, por ser

um mandado de Deus, isso significa que é uma bênção, uma ordem e uma palavra profética ao mesmo tempo.

Porém, a perseverança ordenada e a bênção predita possuem um condicional muito claro. Várias vezes neste texto temos uma pequena palavra que faz toda a diferença: “Se”. “Se perseverar ele em cumprir os meus mandamentos e juízos”; “Se o buscares, ele se deixará achar por ti; se o deixares, ele te rejeitará para sempre”. São os “ses” que nos explicam a maneira de sermos fortes. A força de que a Palavra fala é, portanto, a força de permanecer, persistentemente, nos propósitos divinos.

Assim como no exercício físico, é a força da perseverança que garantirá a saúde e o vigor que impulsiona para obedecer ao serviço de Deus. E a palavra que Deus profere é, em si mesma, a garantia do cumprimento. A nossa parte é sustentar-nos firmes no

“se” para termos o “sim”. Como disse Stanley Jones, “Todas as vezes em que você se recusa a encarar a vida e os problemas, você enfraquece o seu caráter”. Um caráter fraco não gera integridade e por isso o resultado do seu serviço não permanece. Oremos como João Wesley: “Oh, Senhor, não me deixe viver sem propósito”!

Conclusão

A integridade é uma experiência que precisamos ter com o Espírito Santo, para não cairmos na tentação de fazer as coisas “como os fariseus hipócritas”, com uma face pública e uma face privada. Nossa vida precisa ser impactante para as pessoas, a ponto de levá-las a desejar uma experiência real com Cristo por meio daquilo que somos, fazemos e falamos. Isso só acontece quando o Espírito Santo gera essa integridade em nós, por meio do arrependimento e conversão genuínos.

BATE-PAPO

Nosso ministério tem sido desenvolvido com integridade, à luz do que vimos hoje? Que sinais apontam para isso? Há algo que precisa ser ajustado? Como fazer?

LEIA DURANTE A SEMANA**

Domingo: Mateus 6

Segunda-feira: 1Crônicas 28

Terça-feira: Lucas 16.10-13

Quarta-feira: Provérbios 28.5-7

Quinta-feira: 1Pedro 3.13-17

Sexta-feira: Miqueias 6.6-8

Sábado: Salmo 25

*Esta lição é uma síntese adaptada da carta pastoral “Discípulos e discípulos nos caminhos da missão servem com integridade”, do Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Para conhecê-la na íntegra, acesse: <https://goo.gl/tHFLK9>.

**Leia os textos desta seção durante a semana para fixar a lição de hoje. Faça isto semanalmente para cada lição.



Lição 02

ILUMINANDO O OLHAR

Textos Bíblicos: Mateus 6.22-23 / Lucas 11. 34-36

“São os olhos a lâmpada do corpo...” Mateus 6.23

Nossa maneira de ver o mundo, as pessoas e as circunstâncias da vida podem determinar nossa qualidade de vida e nossa relevância no mundo. Nossa visão – natural e espiritual – precisa de cuidado. Aquilo que olhamos, observamos, pode influenciar nosso interior, aproximando-nos ou afastando-nos da vontade de Deus. Olhar a vida sem a graça e o amor de Deus pode nos levar por caminhos de dor e morte. Por outro lado, quando esta graça nos ilumina o olhar e o amor nos faz enxergar além das circunstâncias, caminhamos para a vida plena e abundante proposta pelo evangelho de Cristo.

A lâmpada do corpo

No tempo de Jesus os olhos eram considerados como janelas pelas quais o corpo tinha acesso à luz, e se eles fossem saudáveis o corpo receberia os benefícios que a luz pode trazer. Jesus usou esse saber popular para ilustrar um ensinamento sobre a vida espiritual: assim como os olhos naturais dão acesso à luz para o corpo, os olhos espirituais o fazem para o espírito. É preciso, pois, cuidar do olhar e atentar para o modo de ver a vida.

No texto de Mateus Jesus usa esta expressão quando trata da relação humana com os bens materiais. Ele está alertando sobre o perigo de deixar que o apego às coisas materiais dirija nosso olhar, o que pode tornar nossos olhos turvos para os valores do Reino e a pureza de vida.

“No olho da pessoa revela-se como ela se relaciona com a sua riqueza (...) O olho pode, portanto, revelar a benção ou a desgraça que a generosidade ou, respectivamente, a ganância, trazem ao ser humano” (RIENECKER, 1993, p. 112).

Este princípio pode ser expandido para outros valores relacionados à vida terrena: nosso olhar pode estar “embaçado” por egoísmo, vaidade pessoal, rancor, desejo de sucesso ou até mesmo religiosidade e legalismo – valores contrários aos do Reino – que ofuscam a verdadeira luz que pode iluminar nossa vida.

Em Lucas a mesma ilustração se apresenta em outro contexto,

considerando o fato de que os olhos são o órgão que recebe a luz. Se ele está sadio, receberá completamente a luz e os seus efeitos farão bem ao corpo, mas se não estiver, receberá parcialmente a luz, o que pode prejudicar todas as funções do organismo. Assim, é preciso cuidar de receber totalmente a luz de Cristo e a mensagem do Evangelho, para enxergar com clareza e viver bem nessa terra, cumprindo os propósitos de Deus.

Nos dois textos o que fica claro é: usar bem os olhos e absorver a luz é uma escolha pessoal; a saúde dos olhos espirituais depende do posicionamento em relação à luz de Cristo.

O olho mau e o olho bom

O olho bom, simples ou sadio, é aquele que consegue enxergar com foco. É sabido que não conseguimos enxergar com nitidez em duas direções diferentes ao mesmo tempo. Então, o “olho bom” – que pode ser traduzido também por perfeito – é aquele que recebe a luz de Cristo e foca nos valores do Reino, olhando para o alto, sabendo que “toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tiago 1.17)

Já o “olho mau” é aquele que se direciona ao mesmo tempo para mais de um objeto, ou seja, disperso, que por isso coloca em risco o corpo. Outra alusão dentro da cultura judaica pode ter o significado de

“um espírito rancoroso ou invejoso” (TASKER, 1961, p. 61).

A mesma expressão usada neste texto para olho mau está em Mateus 20.15, na parábola dos trabalhadores na vinha. Ao final da parábola, diante da murmuração dos que se sentiam injustiçados, o dono da vinha declara: “são maus os teus olhos porque eu sou bom?”. O sentido da expressão nos faz entender que um olho mau é também um olho sem generosidade, que não se conduz pela graça, mas pelo legalismo e por um senso de justiça egoísta, que não usa de misericórdia em direção às outras pessoas.

Essas colocações nos fazem perceber que precisamos conduzir nosso olhar pela luz de Cristo, por sua graça e misericórdia, para fazer nossas escolhas e conduzir nossos passos por ela, considerando sempre o Reino de Deus que é “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.” (Romanos 14.17), um Reino que leva em conta o próximo, que tem valores eternos e não se limita à vida terrena.

Como iluminar o olhar

A Bíblia traz muitos textos a respeito da luz e do olhar. Eles apontam pelo menos duas direções para manter um olhar sadio:

Buscar orientação na Palavra e viver pelos seus princípios: A Palavra é “lâmpada para os pés” e “luz para os caminhos”. (Salmo 119.105). Mais do que conhecê-la, é preciso orientar-se por ela nas ações e reações nas dife-

rentes áreas da vida. Diante de tantas fontes que hoje querem ser referenciais de como agir, do que vestir, do que ouvir e sobre o que falar, referenciais estes que, às vezes, chegam a afirmar que a Bíblia já não responde todas as demandas da juventude, nós reafirmamos a importância da Palavra de Deus como nossa “regra de conduta e fé.”

Seguir os passos de Jesus: Ele mesmo disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida”. (João 8.12). Isso vai bem além de ir à Igreja, envolve uma decisão diária de viver sob a direção Senhor, e buscando orientação do Espírito Santo para nossas escolhas quanto à profissão, namoro e casamento, produtos que vamos adquirir, lugares que frequentamos. Mas tem também a ver com seguir o exemplo de Jesus no trato com as pessoas, olhando-as com amor e compaixão, reconhecendo que todas elas são alvo do amor de Deus e que podemos ser instrumentos da Graça para ajudar em suas necessidades e anunciar o amor e poder de Deus. Como Jesus, devemos também promover a paz e a justiça e denunciar a injustiça. Isso vai colaborar para que outras pessoas tenham a sua visão restabelecida.

Luz que ilumina

Em Lucas Jesus conclui sua fala sobre os olhos dizendo: “Se, portanto, todo o teu corpo for luminoso, sem

ter qualquer parte em trevas, será todo resplandecente como a candea quando te ilumina em plena luz." (v.36). Entendemos então que é possível viver plenamente na luz do Senhor, a ponto de resplandecer e iluminar também ao nosso redor, como o próprio Jesus falou: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus." (Mateus 5.16). A luz de Cristo ilumina nossa vida para trazermos luz para o mundo, através de ações que façam diferença na construção de uma sociedade mais ética, solidária e comprometida com a vida. Este é o

propósito da nossa existência: andar na luz, ter plena comunhão com o corpo de Cristo, sendo "... irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo" (Filipenses 2.15).

Conclusão

Diante de tantas luzes que atraem e até ofuscam nosso olhar, Deus nos chama para seguir na luz de Cristo e da Palavra, e ser luz nessa terra, participando da missão com caráter santo, ética e integridade. Nas próximas lições veremos aspectos práticos dessa caminhada.

BATE-PAPO

Que passos concretos podemos dar para alinhar nosso olhar aos propósitos missionários de Deus?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Mateus 6.22-23 / Lucas 11.34-36

Segunda-feira: Salmo 123 1-2

Terça-feira: Provérbios 4.18-27

Quarta-feira: Filipenses 2.12-16

Quinta-feira: Mateus 5.14-16

Sexta-feira: Salmo 19.7-11

Sábado: Provérbios 3



Lição 03

O FRUTO DO ESPÍRITO EM NÓS

Texto bíblico: Gálatas 5.16-23

"Contra estas coisas não há lei..." v.23b

Ao convidar as pessoas para se tornarem seus discípulos e discipulas, Jesus sempre enfatizava: Segue-me. Esse seguir a Cristo deveria ser muito mais do que ir onde o nosso Senhor fosse, mas seguir seus ensinamentos e vivê-los, a exemplo da própria vida do Mestre. Ainda hoje este é o nosso desafio, e para que tenhamos êxito, o Senhor nos deixou seu Espírito. Desta forma, ao nos deixarmos guiar por Ele, nosso modo de agir e nosso caráter são gradualmente transformados e o fruto de sua presença se torna visível em nossa vida.

Andar no Espírito para vencer a carne

Paulo mostra a necessidade de viver no Espírito a partir da constatação da influência dos desejos carnis. Nesta carta aos Gálatas, ele procura trazer respostas e orientações a partir de informações recebidas sobre seguidores da fé judaica que disseminavam dúvidas no meio da igreja, “pervertendo o evangelho de Cristo” (1. 6-7), insistindo na continuação da observância das leis de Moisés.

Antes de tratar da vida no Espírito, Paulo expressa sua preocupação com o aparente retrocesso dos Gálatas quanto aos princípios do Evangelho (v.7). Ele trabalha na carta o papel da lei diante da Graça e da fé (3.11-22), e sua função nos conduzir a Cristo, através de quem somos feitos filhos e filhas (4. 3-7). Trata também da liberdade que Cristo conquistou para seu povo e alerta que esta liberdade não pode ser usada para dar ocasião aos desejos da carne, o que só é possível andando no Espírito (5.16).

O apóstolo apresenta então uma relação de quinze atitudes carnis (paixões humanas), que indicam nossa inclinação para a prática do pecado: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, brigas, ciúmes, acesso de raiva, ambição egoísta, desunião, inveja, divisões, bebedices e glotonarias. Para todas estas obras, a afirmação: Não herdarão o Reino de Deus os que tais coisas praticam (5.21). É preciso,

então, andar no Espírito para não se deixar dominar por elas.

O que é o fruto do Espírito

O fruto é o resultado da ação do Espírito Santo de Deus em nós. O que essa presença ativa promove em nós são virtudes pelas quais conseguimos resistir às tentações da carne.

Estas virtudes se revelam em atitudes pelas quais manifestamos diante do mundo o caráter do Deus nos fez seu povo exclusivo (1Pedro 2.9-10).

Paulo utiliza a palavra “fruto” e não “obra”, o que indica que tais atitudes são resultado da presença e ação do Espírito em nós, e não simples atos da vontade humana. Não é mera ação, é virtude! É resultado de uma disposição transformada de agradar a Deus em tudo. O Espírito Santo nos capacita para viver dentro dos propósitos e exigências do Evangelho sem que isso se torne um peso, pois gera uma mudança no nosso caráter, de modo que conseguimos vencer nossas inclinações naturais para o pecado.

Devemos notar que o fruto do Espírito é apresentado em contrapartida às obras da carne. Anteriormente Paulo afirma: “andai em Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne” (v. 16). Sendo assim, prostituição, lascívia, inimizades, ciúmes, discórdias, bebedices, e todas as demais obras da carne, que no fundo são práticas que buscam

satisfazer nossa natureza humana (e por sinal não conseguem, gerando um descontentamento cada vez maior em nós e ferindo as pessoas ao nosso redor), podem ser vencidas por este fruto bendito, o resultado da presença do Espírito Santo em nós.

Contentamento e realização

Dentre estas virtudes, destacamos nesta lição o amor, a alegria e a paz. Estas três virtudes geradas em nós através do Espírito de Deus são verdadeiras dádivas que nos trazem realização e contentamento. Não é esta afinal a busca e o anseio da humanidade: receber amor, ter alegria e paz? Não é esta a razão pela qual muitas pessoas se entregam aos desejos carnis, ainda que os prazeres da carne sejam ilusórios e momentâneos? Pois Deus nos dá gratuitamente estas dádivas pelo Espírito e espera que compartilhemos também na convivência com as pessoas, dentro e fora da comunidade de fé.

Através da ação do Espírito em nós somos capazes de amar e receber amor. Não um amor qualquer, mas aquele descrito em 1Coríntios 13: paciente, altruísta, honesto, bondoso, que não é ciumento nem se porta inconvenientemente, um amor que jamais acaba.

Também é só através do Espírito que podemos nos alegrar mesmo diante das dificuldades, como viveu e expressou o salmista (Salmo 16.8-9; 28.7; 30.5, entre outros), os

profetas (Isaías 61.10), e outros autores bíblicos (Romanos 5.1-5, 14.7; Tiago 1.2-3). Note-se que esta alegria não é proveniente de situações agradáveis apenas, mas de uma convicção da presença de Deus e do seu poder de fazer todas as coisas cooperarem para nosso bem. Essa alegria não se explica bem. Ela é sentida por aqueles e aquelas que se rendem à ação do Espírito Santo em suas vidas. Esta alegria pode e deve ser compartilhada!

A paz é outra necessidade humana que é suprida pela presença do Espírito Santo. Nós precisamos de paz em três aspectos: a paz espiritual, que é a paz com Deus (Romanos 5.1); a paz emocional, que é a paz de Deus, um sentimento interno de bem-estar e ordem (Colossenses 3.15), e a paz nos relacionamentos, que é o que a Bíblia chama de paz com as pessoas (Romanos 12.18). A paz nos relacionamentos reduz conflitos. Esta paz do Espírito que é completa nos dá tranquilidade diante dos problemas e a serenidade necessária para enfrentá-los.

Desafio para a vida

Diante de tamanha bênção que nos é concedida, somos desafiados e desafiadas a viver e andar no Espírito (v.25) e, ao invés de viver correndo atrás de prazeres que não podem satisfazer de fato, investir tempo na comunhão com o Espírito Santo através da oração e estudo da Palavra, da convivência com pessoas de fé, no caminho do discipulado.

Uma vez que o amor não é egoísta, Deus nos chama a demonstrar estas virtudes em atitudes concretas diante das pessoas e na direção delas. Podemos agir com amor, mesmo diante de atitudes que nos desagradam. Se temos alegria, podemos consolar os que choram. Se temos a paz, podemos ser pacificadores e pacificadoras. Precisamos reconhecer, porém, que isto só é possível se vivermos na dependência do Espírito e realmente nos deixarmos guiar por Ele. Este é o desafio do Evangelho, e buscando estas coisas, não cedere-

mos às paixões humanas, e vamos agradecer a Deus e honrar seu nome.

Conclusão

A humanidade está carente de amor, alegria e paz, porque não tem olhado para Deus. Como cristãos e cristãs, somos chamados e chamadas a vivenciar essas virtudes no nosso dia a dia, junto a todas as pessoas, para que elas vejam Cristo em nós e através de nós possam experimentar a Graça. Esta vivência vai desde o ambiente familiar, passa pela comunidade de fé e se estende para o mundo.

BATE-PAPO

Como podemos expressar o amor, a alegria e a paz nos diferentes círculos de convivência que temos?
E como Igreja, como podemos manifestar estas virtudes para além da nossa comunidade?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Gálatas 5.16-23

Segunda-feira: Efésios 5.1-11

Terça-feira: 1Coríntios 6.12-20

Quarta-feira: Gálatas 5.1-15; 25-26

Quinta-feira: Romanos 5.1-11

Sexta-feira: Gálatas 2.16-21

Sábado: 1Coríntios 13



Lição 04

VIVER NO ESPÍRITO

Texto bíblico: Gálatas 5.22-24

“Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito”. v. 25

Viver no Espírito vai além daquilo que podemos experimentar para nossa satisfação, como o amor, a alegria e a paz. Traz também outras virtudes que nos habilitam a vencer as paixões carnis que afetam nosso relacionamento com as pessoas, conosco mesmo e também com Deus. Veremos hoje as demais virtudes que são fruto do Espírito Santo em nós.

Virtudes para os relacionamentos

Ao apresentar a luta humana contra as obras da carne, Paulo aponta o fruto do Espírito como a condição para vencê-las. Além das três características citadas na lição anterior, vamos considerar as demais virtudes que se manifestam na vida de quem se deixa guiar pelo Espírito Santo de Deus.

São virtudes que se manifestam na vivência com outras pessoas: longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade (lealdade), mansidão e domínio próprio. Embora o domínio próprio também tenha a ver com nossa vida pessoal e a fidelidade com nosso relacionamento com Deus, estas virtudes também apontam para nossos relacionamentos sociais. Vejamos algumas de suas características:

Longanimidade: é grandeza de ânimo; é a capacidade de resistir com coragem às adversidades e com paciência extrema à ofensa ou injúria recebida por parte de outras pessoas. A pessoa longânime não revida, não se rebela, não se ira. Consegue aquietar o coração quando o desejo é “estourar” ou reclamar (Tiago 5.7; Efésios 4.2,26).

Benignidade e bondade: embora benignidade e bondade sejam termos parecidos, que muitas vezes se confundem, a benignidade é mais uma característica do caráter, que leva ao prazer de fazer o bem, enquanto que a bondade se expressa

em atos: gentileza, ajuda a quem precisa, afetuosidade e generosidade (Efésios 4.32; 1 Tessalonicenses 5.15).

Fidelidade: o termo usado no grego se traduz também por fé; porém, quando pensamos na necessidade de sermos pessoas longânimes, benignas e bondosas, a palavra fidelidade é a que melhor se adapta por significar lealdade. Assim, vemos que a fidelidade tem a ver com nossa comunhão com Deus, mas também com as pessoas (Deuteronômio 10.16-17; Salmo 101.6; Provérbios 12.17).

Mansidão: é sinônimo de serenidade, a qualidade de quem possui gênio pacífico. É o oposto da ira, da discórdia, da gritaria, da violência e de tantas outras atitudes que representam as obras da carne e nos afastam das pessoas. Segundo o Dicionário Bíblico on-line, “É a força revestida de veludo. É a calma, a tranquilidade e o equilíbrio emocional. A mansidão é necessária para agradar a Deus, para a convivência e para manter a paz” (Provérbios 15.1; Mateus 5.5; 11.29).

Domínio próprio: É a capacidade de “conter-se a si mesmo”, tradução que fica mais próxima do original. Essa virtude nos habilita a vencer os desejos carnis que atingem diretamente nosso corpo: prostituição, impurezas, bebedices e glotonarias (HENDRIKSEN, 1999, p.321-324). Também nos auxilia no trato com as pessoas, evitando as inimizades, porfias (rixas),

ciúmes, iras, discórdias, dissensões e facções (Provérbios 16.32; 1 Tessalonicenses 4.4-5; Tito 2.11-14).

Manifestar o fruto é honrar a Deus

O fruto do Espírito nos habilita justamente para resistir às obras carnis, muitas das quais se manifestam em nossos relacionamentos interpessoais. A fidelidade, a mansidão e o domínio próprio são atitudes que primeiramente dizem respeito a nós mesmos, nossas reações, e nos permitem honrar a Deus e reafirmar nosso amor por Ele, enquanto a benignidade, bondade e longanimidade se expressam em ações na direção das pessoas, como sinal de nosso amor e respeito, sem os quais a relação com Deus fica prejudicada (1 João 4.20-21).

Deus, que sabe das fragilidades e pecados que interferem negativamente no convívio com pessoas, ao nos conceder a graça do fruto do Espírito, nos habilita para edificar nossos relacionamentos.

O pastor luterano Telmo Emerich afirma que esse fruto espiritual manifestado em nossa vida não é para nós, mas para as pessoas ao nosso redor: "... o fruto produzido na minha vida é para sustento e prazer do meu semelhante. Eu sou uma árvore onde o fruto produzido é para quem precisa, para quem tem fome... Quem não quer saber de uma árvore com essas qualificações?!

Quem não quer se aproximar de uma árvore cujo fruto é dessa qualidade divinal? E, questionada sobre a qualidade do seu fruto, sobre a sua origem, a árvore, humilde que é, só saberá apontar para o Espírito Santo, pois o fruto é dele. E quem não quer seguir esse Deus maravilhoso que transforma uma árvore estéril, seca, numa árvore frondosa e frutífera"? (EMERICH, 2010).

Se o Espírito Santo é quem nos guia, logo aparece o fruto, nas ações e reações do dia a dia. Se ele não guiar, as obras da carne se evidenciam. As manifestações do fruto do Espírito, revelam nossa proximidade de Deus. Se não manifestarmos o fruto, provavelmente manifestaremos as obras da carne, evidenciando o quanto nos distanciamos de Deus. Se estamos em Cristo, se andamos em Espírito, "não tem como esse fruto não aparecer (...)" porque o fruto não é nosso, mas do Espírito" (EMERICH, 2010).

Pensando na comparação do pastor Emerich, fica claro que precisamos nutrir a presença do Espírito em nós para que o fruto se manifeste. Sendo assim, precisamos de disciplinas práticas que nos ajudam a ter uma vida espiritual saudável, como a prática da oração e leitura bíblica, o envolvimento no discipulado cristão, a prática do bem, a solidariedade. Mas também é preciso dominar as vontades humanas e corrigir os maus hábitos, que levam ao pecado. A Palavra de Deus nos recomenda resistir ao diabo (Tiago 4.7)

e também fugir da aparência do mal (1 Tessalonicenses 5.22). Com esses cuidados, certamente daremos espaço para a manifestação plena do fruto do Espírito em nós a cada dia, honrando o nome do Senhor e abençoando as pessoas ao nosso redor.

Conclusão

Ninguém consegue viver a santidade exigida pelo Evangelho pelas próprias forças. Mas esta não é a

proposta de Jesus. Ele disse que estaria conosco e nos prometeu o seu Espírito (João 14.16-17). Também afirmou sem Ele nada podemos fazer (João 15.5); isso inclui o compromisso evangelístico e também uma vivência que nos torne testemunhas fieis e verdadeiras de seu amor, poder e graça. Então, vivamos na dependência do Espírito para vencer as obras da carne e agradar ao Senhor.

BATE-PAPO

Quais são as virtudes do Espírito mais desafiadoras no sentido de manifestação na nossa vida diária?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Gálatas 5.22-24

Segunda-feira: Colossenses 3.8-17

Terça-feira: João 15.1-8

Quarta-feira: 1 João 4.7-21

Quinta-feira: 1 Pedro 5.5-11

Sexta-feira: João 14.16-21

Sábado: Tito 2.11-14

ANOTE



Lição 05

FÉ E

DETERMINAÇÃO

Texto bíblico: 2Timóteo 2. 1-13

"Lembra-te de Cristo..." v.8a

Muitos são os desafios de viver a fé no período da juventude, e às vezes não nos sentimos capazes de enfrentá-los. É possível viver uma fé genuína e um ministério frutífero na juventude? Timóteo é um bom exemplo para responder afirmativamente a esta pergunta e através das cartas de Paulo a ele endereçadas temos muitas instruções que nos ajudam.

Viver a fé com coragem

A segunda carta de Paulo a Timóteo é uma carta de encorajamento e instrução. Depois da exortação a permanecer fiel e guardar a fé dada no primeiro capítulo, o apóstolo chama seu discípulo a viver plenamente a fé e desenvolver com zelo seu ministério, através de quatro atitudes que nos servem de instrução e inspiração para viver o chamado de Cristo ainda hoje.

Fortificar-se na graça que há em Cristo: Diante da salvação operada em Cristo e da vocação que opera em nós pela graça, Deus nos chama, assim como chamou Timóteo, a nos fortalecer na graça e no conhecimento de Cristo. Não há outra fonte que possa nos fortalecer. Essa força não está em nós, mas a adquirimos, à medida que buscamos a Deus. A fonte é a graça de Deus revelada em Cristo. Dela precisamos nos alimentar pela comunhão com Ele através da oração e estudo da Palavra, a comunhão com homens e mulheres de Deus e a inspiração do Espírito Santo. Esse fortalecimento é interior, pela presença de Cristo em nós, conforme Paulo orienta também aos Efésios (3.14-19; 6.10-18).

Transmitir o conhecimento da fé: A melhor forma de preservar a fé é transmitir. Deus dá essa instrução a seu povo desde o Antigo Testamento (Deuteronômio 6.1-9). Jesus também instruiu seus discípulos que divulgassem o que apren-

diam dele (Mateus 10.27). Este é um dos princípios do discipulado: transmitir o que aprendemos com Cristo a pessoas que possam fazer o mesmo com fidelidade e assim espalhar as boas novas do Evangelho. Essa é uma tarefa de todo cristão e cristã, e não há idade para fazer isso, nem mesmo um grau de maturidade específico. O que conta é a idoneidade (honestidade e conhecimento, capacidade) e integridade. Transmitimos com fidelidade o que aprendemos de Cristo, e continuamos a fazê-lo na medida em que aprendemos mais. Assim o Reino cresce e nós também.

Participar dos sofrimentos da vida cristã: Paulo exorta Timóteo a não fugir dos sofrimentos inerentes à vida cristã e à prática do Evangelho, como ele mesmo não fugia. Hoje, vivemos sofrimentos e perseguições um pouco diferentes daquela época, mas o princípio é o mesmo: enfrentar nossas próprias “perseguições” e sofrimentos e nos solidarizar com aqueles e aquelas que sofrem, por causa do Evangelho e também quando o Evangelho não é vivido de fato.

Considerar o exemplo de Cristo: A vitória de Cristo sobre a morte e o inferno nos serve de inspiração e fortalecimento diante dos desafios de viver e transmitir a fé. Mas também devemos considerar seu amor que o levou a viver até as últimas consequências o projeto de Deus para trazer vida eterna e abundante a quem crer. Assim devemos nos oferecer

em favor das pessoas e do propósito de Deus, pois “se morremos com ele, também viveremos com ele”. Nosso esforço, renúncia e trabalho no Senhor não é vão, Ele venceu a morte e nos dá a vitória (1Coríntios 15.58-59).

Disciplina que traz fruto

Paulo ilustra a disciplina necessária para ter êxito na vida cristã e ministério através de três figuras: o soldado, o atleta e o fazendeiro. Cada uma dessas atividades requer esforço, renúncia, constância e foco, mas também produzem resultado positivo que faz valer a pena o empenho.

O soldado de serviço não pode se envolver em outras atividades, nem tem licença para deixar seu posto, mesmo diante de emergências. Ele responde ao seu comandante, está à disposição para lutar por sua pátria e não luta sozinho. Mais do que trabalhar pela guerra, um bom exército trabalha para manter a paz. A paz e a defesa de seu povo é o alvo e o prêmio do bom soldado. Assim devemos nós lutar pelo Reino de Deus, lembrando que nossa luta “não é contra a carne e o sangue”, e precisamos estar debaixo da autoridade do nosso Senhor, nos cuidar mutuamente, não deixar quem se fere para trás e trabalhar pela paz.

Já quem é atleta tem como alvo a medalha ou coroa. No tempo de Paulo os atletas se submetiam a um período de dez meses de rigoroso treinamento (Bíblia de Estudo Almeida, 1999, p. 249 NT). Ainda

hoje quem é atleta sem disciplina tem pouca chance de vencer. Em 1Coríntios 9, Paulo usa a comparação do atleta para ensinar que nós lutamos por uma coroa superior, assim, precisamos seguir o exemplo no desenvolvimento de nossa vida espiritual, pois nossa coroa é eterna.

O último exemplo é do lavrador. Muita gente não sabe bem como é esse trabalho, pois na maioria dos casos o que comemos compramos no comércio. Mas esse é um trabalho que exige esforço, esperança e paciência. É preciso cuidar da terra, regar a semente, contar com a graça de Deus e esperar que a planta cresça até produzir o fruto. Assim também nós devemos cultivar a Palavra tanto na nossa vida pessoal como na vida de outras pessoas, na certeza de que Deus dá o crescimento e faz frutificar o trabalho de nossas mãos, feito com fé, esperança e amor.

Conclusão

Deus nos chama em Cristo Jesus para ser participantes da sua obra de implantar o Reino, anunciando o Evangelho da Graça. Não há idade para essa tarefa. Todas e todos são convocados. O Senhor mesmo está conosco “todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mateus 28.20). Essa é a nossa motivação e garantia de que podemos viver plenamente o Evangelho e cumprir cabalmente (integral e completamente) nosso ministério.

Temos dado ouvido às instruções da Palavra de Deus e de homens e mulheres que Ele levanta para nos acompanhar na caminhada da fé?

Quais os maiores desafios de viver a fé e desenvolver o ministério na juventude? Que passos podemos dar para vencê-los?

Domingo: 2Timóteo 2.1-13

Segunda-feira: 2Timóteo 1

Terça-feira: 2Timóteo 2.14 – 3.17

Quarta-feira: Atos 16.1-5

Quinta-feira: Efésios 3.14-19; 6.10-18

Sexta-feira: Deuteronômio 6.1-9

Sábado: 1Coríntios 9.23-27[illegible]



Lição 06

"LEMBRAI-VOS DOS ENCARCERADOS"

Texto bíblico: Hebreus 13.3

"(Porque)... estive na prisão, e foste ver-me". Mateus 25. 36

Brasil está em 4º lugar do mundo quando se trata de população carcerária. São cerca de 360 mil pessoas presas condenadas e 240 mil presas provisoriamente. Como cristãos e cristãs não podemos ficar alheios a esta realidade. São pessoas que precisam, como todas as outras, da graça e do amor de Deus, e podemos ser instrumentos para levar o Evangelho até elas.

Um lugar de solidão

Quando se trata do tema prisão, cadeia, cárcere, algemas, não faltam referências bíblicas para nos trazer orientação e entendimento. Talvez a mais conhecida seja a citada por Jesus em Mateus 25: "Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver", (vv. 35-36).

Jesus foi enfático. "...estive na prisão, e foste me ver". Ele sempre defendeu as pessoas fracas e oprimidas e sempre foi a favor da libertação das cativas, mas sua recomendação final era: "Vai e não peques mais".

A prisão é um lugar de solidão, de medo e opressão. Um lugar sombrio e de isolamento. O profeta Jeremias que o diga, quando foi lançado numa cisterna cheia de lama ao ponto de ficar atolado nela, conforme registra o capítulo 38 no verso 6.

Só para ter uma ideia sobre o isolamento carcerário nos dias atuais, o Departamento Penitenciário (Depen) é responsável pelo Sistema Penitenciário Federal, e uma de suas principais finalidades é isolar as lideranças do crime organizado, cumprir rigorosamente a Lei de Execução Penal e custódia que envolve as pessoas presas e condenadas e as que estão provisoriamente detidas, que estão

sob disciplina diferenciada. Entre as pessoas que ficam isoladas no Sistema Penitenciário estão as que respondem pela prática de crimes violentos, fuga ou grave indisciplina no sistema prisional de origem; presos e presas de alta periculosidade e que possam comprometer a ordem e segurança pública, além de réus que colaboram com a justiça nas chamadas delações premiadas.

Largar a criminalidade não é fácil, principalmente quando se trata de tráfico de drogas, pois é preciso acertar as contas, os débitos com traficantes. Ainda há outro agravante, que são as declarações de antecedentes criminais normalmente pedidas pelas empresas antes de contratar alguém. Com a mínima chance de reingresso na sociedade, a pessoa acaba voltando para a criminalidade. Ainda há, infelizmente, casos de pessoas que são presas injustamente e cumprem pena por crimes de terceiros até que a verdade venha à tona.

Mesmo diante da dificuldade da criminalidade, à luz do Evangelho e ensinamentos de Jesus, sabemos que ainda é possível uma pessoa que se envolveu com os crimes acima ter uma vida restaurada.

O que podemos fazer

Exercer o ministério carcerário exige dedicação, vocação, dons e quebra de paradigmas. Podemos considerar, dentro do entendimento

vocacional de Dons e Ministérios, que nem todas as pessoas são chamadas para trabalhar diretamente nessa área. No entanto, a lembrança dessas pessoas, a empatia (“como se estivessem presos com eles”), a oração e intercessão, e o combate do preconceito dentro e fora da Igreja é tarefa de todos e todas nós.

O Manual Prático para o Ministério Cristão Carcerário (Igreja Metodista, 1996), traz algumas orientações importantes para nos lembrarmos quando vamos trabalhar efetivamente com pessoas encarceradas:

- Quem está na prisão é uma pessoa como você. Ela quer falar de sua vida, sua história, sua família e seus problemas. Ouça atentamente, com paciência e muito amor.
- Não se permita elaborar julgamentos. Esta não é a tarefa conferida por Jesus a um(a) agente do Ministério Carcerário (Mateus 7.1-5).
- Seja uma testemunha de Cristo, tendo a um só tempo uma postura profética de denúncia comprometida (Romanos 12.1-2) e de anúncio da Boa Notícia, de que a partir de Jesus de Nazaré, um novo tempo se inicia

para humanidade (Isaías 9.1-7; Apocalipse 21.5).

- Aproveite as oportunidades. A pessoa presa gosta de falar de assuntos que dizem respeito à fé cristã. É muito comum encontrar nas celas os mais diversos símbolos religiosos, principalmente a Bíblia.

Se você sente que essa é a sua vocação, coloque-se diante de Deus e certamente Ele vai te usar nesse ministério. Peça orientação pastoral e procure conhecer grupos cristãos que já trabalham nesse ministério. Sua vida pode ser instrumento de transformação de pessoas e até famílias inteiras!

Conclusão

Os textos bíblicos do Antigo e Novo Testamentos sobre o tema da prisão nos encorajam a nos envolver minimamente em oração, mas buscar também ações que possam alcançar as pessoas presas e suas famílias com a boa notícia do amor de Deus. Ainda que estas pessoas tenham cometido erros, elas são alvo do amor de Deus e podem ser transformadas pela ação do Espírito Santo à luz da Palavra de Deus. Incluí-las em nossas orações e agenda missionária é parte do chamamento de Jesus.

Que ações podemos ter
como juventude para
responder ao apelo bíblico
da lição de hoje?
Você se lembra qual foi a
última vez que orou para as
pessoas que estão na prisão?
Já chegou a visitar alguma
delas? Que tal compartilhar
sua experiência?

Que ações podemos ter
como juventude para
responder ao apelo bíblico
da lição de hoje?
Você se lembra qual foi a
última vez que orou para as
pessoas que estão na prisão?
Já chegou a visitar alguma
delas? Que tal compartilhar
sua experiência?

Domingo: Hebreus 13.3
Segunda-feira: Mateus 25.31-36
Terça-feira: Jeremias 38.6-13
Quarta-feira: Isaías 9.1-7
Quinta-feira: Mateus 7.1-5
Sexta-feira: Romanos 12.4-18
Sábado: Lucas 4.16-19

Domingo: Hebreus 13.3
Segunda-feira: Mateus 25.31-36
Terça-feira: Jeremias 38.6-13
Quarta-feira: Isaías 9.1-7
Quinta-feira: Mateus 7.1-5
Sexta-feira: Romanos 12.4-18
Sábado: Lucas 4.16-19

[illegible]



Lição 07

PRINCÍPIOS DA AMIZADE

Texto Bíblico: Rute 1.1-18

"Onde quer que fores irei eu... o teu Deus é o meu Deus". v.16

Na caminhada cristã precisamos de bons relacionamentos. Este é o princípio do discipulado de Jesus. Mas às vezes, em momentos de crise, percebemos que nossos relacionamentos são frágeis. A experiência de Rute nos mostra que um relacionamento significativo requer alguns princípios de intencionalidade.

Uma história rica de significados

Para o autor de Rute, o segredo para entender a história está no significado dos nomes. Eles revelam traços de personalidade, de caráter e de simbologias narrativas. Assim, temos: *Belém* = Casa do Pão; *Judá* = Deus seja louvado; *Moabe* = Família do Pai; *Elimeleque* = Deus é meu rei; *Noemi* = Doçura; *Malom* = Doença; *Quiliom* = Enfermidade; *Orfa* = Costas; *Rute* = Amiga. Lendo a história de Rute sob essa perspectiva, percebemos como ela pode ter elementos comuns à nossa:

Existem fases em que o envolvimento com projetos, sonhos e perspectivas de vida nos coloca numa atmosfera de alegria, expectativa e vontade de realização. Queremos “mudar o mundo”.

Somos “Doçura” e estamos envolvidos e envolvidas por ela. A atmosfera de fé nos envolve porque “Deus é o meu rei”. Nesse tempo da vida, uma fé cativante e um amor entregue nos preenchem. Não medimos as consequências! Estamos totalmente dispostos... Estamos na “Casa do Pão”.

Então, de repente, as coisas parecem mudar. Começa a faltar pão na casa do pão. Nos deslocamos para Moabe, aquele lugar onde duas filhas desesperadas engravidaram do pai, lutando por suas próprias forças para garantir um futuro (Gênesis 19.30-38). Mas não há esperança em Moabe. E Doçura faz o que parece

impossível: gera doença e enfermidade. O que sai dela é ruim, faz mal e não dura. Seus filhos são fracos e não têm resistência. Depois de um tempo, morrem. Doçura fica desamparada e com ela as pessoas que trouxe para sua convivência: as noras.

Às vezes vivemos experiências parecidas. Não geramos o que pretendíamos, o fruto do nosso trabalho é doente e frágil, a doçura que nos movia se torna amargura (“Mara”). Então acabamos por falar coisas insensatas: “Não existe lugar para mim. Eu não frutifico. Não sei qual é meu lugar. Ninguém deve andar comigo”.

“Deus é meu rei” pode estar longe dos olhos por causa de nossa falta de fé. Mas não está longe do coração. Ele se move colocando-nos novamente no trilho do discipulado, traz amigos e amigas que se dispõem a caminhar conosco, mesmo que resistamos ou fiquemos dando desculpas e vivendo na autocomiseração. Deus não nos deixa morrer nos campos da família do pai incestuoso e limitado. Ele quer nos trazer à Casa do Pão e nos alimentar de esperança e vida.

O que é preciso? Ter alguém como Rute. Ela insiste em ficar quando é mandada embora. Ela não se demove, muito embora os argumentos de Noemi sejam sólidos e façam todo o sentido. E Rute, a Amiga, nos fala sobre o discipulado porque atua e faz exatamente como Jesus. Ela apon-ta princípios para desenvolvermos amizades genuínas.

O princípio da mudança

Por onde quer que tu fores, irei eu também...

Rute nos diz que, quando queremos relacionamentos autênticos, temos que sair do nosso lugar de costume. É o que Jesus faz: “o verbo virou gente e armou sua barraca entre nós”. Ele não apenas veio para morar com a gente, mas sua habitação é móvel, desmontável, carregável. Porque Ele veio para estar onde nós estamos. Assim, Rute é aquela pessoa que Deus levanta para nos mostrar que não estamos tão sós como afirmamos. Essas pessoas oram por nós, insistem, aconselham e se fazem presentes até quando não queremos. Ficam ao nosso lado até que passem as calamidades. Elas mudam seu jeito de ser e viver pela disposição de ajudar.

O princípio da permanência

E onde quer que pousares, pousarei também...

Rute não apenas anda por uma parte do caminho, mas ela fica quando cai a noite. Como o estranho no caminho de Emaús, ela “entrou para estar” com Noemi. No caminho do relacionamento, é preciso investir tempo para estar. A pousada noturna fala do tempo do descanso, do alívio das tensões, do renovo para caminhar. Essa experiência é curativa. Não existe amizade verdadeira em modelo fast food. É preciso investir tempo. Pousar, permanecer. Só assim os frutos são produzidos.

O princípio da parceria

O teu povo será o meu povo

A permanência inclui também abertura para o aprendizado e a partilha. Chegou uma hora em que Jesus disse: “Vocês não são servos. Chamo vocês de amigos”. A amizade é desinteressada, focada no relacionamento, na alegria da partilha e não na “utilidade” do outro e da outra. É como a carta de Jeremias: plantar e comer; edificar e morar; amar a cidade, ter filhos e filhas nela e ficar ao ponto de ver netos e netas! Para que nossa vida tenha doçura, temos de desenvolver a entrega do amor, do afeto, da parceria. Sem amor, nada feito!

O princípio da fé

O teu Deus será o meu Deus

Como cristãos e cristãs, partilhemos de um legado juntos e podemos desenvolver o melhor de todos os relacionamentos a partir dele: nosso Deus, revelado em Jesus Cristo e experimentado pelo Espírito Santo! No cotidiano, muitas vezes o que se vive é competição, inveja, tentativas de apagar a história da outra pessoa, ciúmes na igreja, no trabalho, nas amizades... Temos de compartilhar a fé com as pessoas que sofrem revezes. Temos de ser suporte para quem está em fragilidade. Temos de ter compromisso com quem veio antes e com quem virá depois. Nosso Deus é nossa fé em comum. Ele nos une em si mesmo!

O princípio da aliança

Faça-me o Senhor o que vem lhe aprouver...

John Wesley assinou um pacto com seus pregadores para que procurassem a todo o custo manter a lealdade. Diante das adversidades, ele nunca se recusou a enfrentar os conflitos, pois sabia que este era o preço da unidade. Jesus também teve a mesma disposição com os discípulos ao abrir o seu coração até nas horas de fraqueza: “Estou triste até à morte, fiquem comigo”, Ele pediu a eles no Getsêmani (Marcos 14.34). Rute nos ensina que não adianta viver deixando as pessoas pelo caminho. Se outra coisa além da morte nos separar, pode ser que ainda que tenha algo errado. Ainda que as circunstâncias da

vida possam por vezes nos distanciar, temos que ter uma aliança com cada amigo e amiga em nossa jornada. Uma aliança de amizade genuína. De abertura para perdão e partilha. De uma ética espiritual, prática e vivencial. Como Rute ao andar com Noemi.

Conclusão

Na caminhada da vida, precisamos de “Rutes”, ninguém caminha só. Embora o Senhor caminhe sempre conosco, são as amizades sinceras que nos fortalecem, e nos ajudam a correr a carreira que nos é proposta pelo Evangelho. Devemos também ser Rute na vida das pessoas. Esta é a proposta do Evangelho: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gálatas 6.2).

BATE-PAPO

O quanto nosso envolvimento em projetos pessoais tem nos impedido de desenvolver amizades sinceras, para dar e receber apoio?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Rute 1.1-18

Segunda-feira: Rute 1.19-22

Terça-feira: Gênesis 19.30-38

Quarta-feira: Gálatas 6.1-10

Quinta-feira: Provérbios 27.5-10

Sexta-feira: Salmo 133

Sábado: Romanos 12.9-16



Lição 08

AS BEM- -AVENTURANÇAS

Texto bíblico: Mateus 5. 1-16

“Regozijai-vos e exultai, porque grande é o vosso galardão nos céus”. v. 12

No evangelho de Mateus, Jesus é apresentado como o Mestre da justiça que veio para cumpri-la integralmente (Mateus 3.15). A justiça é o fundamento do Reino de Deus este é o tema desta lição que trata das bem-aventuranças, onde encontramos um modelo de cidadania desse Reino.

Acidania do Reino

Quais as características das pessoas que querem ser cidadãos do Reino de Deus? Por meio das bem-aventuranças, percebemos que elas:

- *São humildes de espírito:* são pessoas abençoadas e felizes porque aprenderam a depender de Deus e confiam na sua bondade e misericórdia. Sabem que Deus se importa e que, ainda que outras pessoas as desprezem ou as oprimam, podem confiar no amor de Deus. As pessoas humildes de espírito não dão espaço para ganância e para a busca desenfreada e inconsequente pelo dinheiro e outras riquezas (Mateus 6.19-21).
- *Choram:* a bênção prometida não é para todas as pessoas que choram, mas é uma consolação para quem chora pelos pecados que oprimem seus espíritos (delas e das outras), porque dentro da misericórdia de Deus há perdão e alívio para quem se arrepende. Cristo vem para consolar quem chora (Isaías 61.2; Lucas 2.25) e perdoar quem se arrepende (Lucas 18.9-14).
- *São mansas:* a mansidão não significa fraqueza ou submissão por covardia, diante de ameaça ou dominação. Moisés era manso (Números 12.3), mas sabemos que tinha uma liderança enérgica e corajosa. Pessoas mansas são as que não dependem da força bruta para

conseguir o que desejam, dependem da força do Senhor (Salmo 37.11; Romanos 12.19; 1Pedro 2.23).

▪ *Têm fome e sede de justiça:* são pessoas que desejam acertar, corrigir abusos, defender direitos, agir pela garantia da justiça. Desejam a justiça com a mesma intensidade com que querem saciar ou matar a fome. Não falamos de uma pessoa justiceira que quer se colocar no lugar de Deus, mas daquelas que, por dependerem de Deus para concretizar a justiça, trabalham o quanto podem, se colocam como instrumento e participam ativamente no trabalho de Deus.

▪ *São misericordiosas:* essas são as que tratam as pessoas com amor e misericórdia, especialmente as pessoas necessitadas e injustiçadas em todos os sentidos. O Reino de Deus pertence a quem, como Cristo, tem amor e misericórdia e, por isso, demonstra solidariedade (Mateus 6.14-15; 7.1-2; 25.34-40). Para o povo romano, misericórdia era sinal de fraqueza; para os fariseus o zelo e a rigidez no cumprimento da lei não davam espaço para demonstrar misericórdia; mas para Cristo a misericórdia era uma expressão determinante da adoração a Deus (Mateus 22.37-40).

▪ *São limpas de coração:* são aquelas de coração singelo, simples e que têm um propósito bem

específico na vida: cumprir a vontade de Deus. A palavra “coração” inclui também a mente, ou seja, razão e sentimento engajados nesse propósito.

- *São pacificadoras*: uma pessoa pacificadora é aquela que semeia e colabora com a paz, relaciona-se e intervém nas relações humanas nessa perspectiva. É a pessoa que se propõe a mediar conflitos, a acabar com eles; que sempre “joga água na fervura” ao invés de atizar a fogueira; que faz parte da famosa turma do “deixa disso”. Nesse tempo de tanta violência e agressividade, nosso desafio é não reproduzir o violento comportamento deste século.

- *São perseguidas*: a ênfase aqui são as pessoas perseguidas por causa da justiça, aquelas que permanecem firmes nos princípios do Evangelho, sem ceder às pressões do mundo. Se assumirmos o compromisso com a cruz de Cristo, certamente teremos adversidades. As pessoas cidadãs do Reino, ao passarem pelas tribulações e perseguições, têm o auxílio da graça de Deus para seguirem adiante, chegam até a se alegrar diante das perseguições, pois sabem que terão a vitória em Cristo Jesus (1Pedro 1.6-12).

A justiça do Reino

Ser uma pessoa cristã é assumir uma postura fundamentada na justiça

frente ao mundo em que se vive, ainda que essa postura possa significar ou gerar perseguições, incômodos, falta de aprovação por pessoas injustas. A justiça é característica fundamental do Reino de Deus, portanto o fundamento da nossa identidade cristã. As pessoas que possuem o Reino são as que buscam e lutam pela implementação da justiça e que por ela sofrem perseguições. Para uma comunidade perseguida, isso vem como um bálsamo. É a Palavra de Deus consolando, animando e orientando o povo.

As bem-aventuranças desafiam e convocam as pessoas cristãs a se comprometerem com a justiça. No entanto, de que justiça se fala? Seguramente não é a justiça dos escribas e fariseus (Mateus 5.20), pois a justiça deles inviabilizava a vida, era fardo e por isso, já não tinha mais relação com Deus (Mateus 11.28-30). Jesus critica essa justiça e busca retomar o verdadeiro sentido dessa palavra. A justiça é o critério que organiza a vida e as relações e, por isso, deve estar comprometida com a vida, com o bem-estar das pessoas. Fariseus e escribas conheciam a lei no papel, mas muitos deles não entendiam o sentido para a vida. E nós? Como temos lidado com as leis de Deus?

Cumprir a justiça de Deus é tornar-se semelhante a Ele. Ao tratar sobre a justiça expressa no sermão do monte, assim se expressou o pastor anglicano John Wesley, no século

XVIII: “E que é a justiça, senão a vida de Deus na alma; a mente que havia em Cristo Jesus; a imagem de Deus estampada no coração, agora renovada segundo a semelhança daquele que o criou? Que é justiça, senão amor de Deus, porque Ele primeiro nos amou, e, por sua causa, amou a toda a humanidade” (Sermão 21, sobre o Sermão do Monte, discurso 1).

Para a comunidade de Mateus cumprir a justiça era realizar a vontade de Deus e assim buscar a perfeição cristã que, na tradição wesleyana, significa “amar a Deus de todo nosso coração, mente, alma e força. Isto implica em que nenhuma inclinação má, nada de contrário ao amor, permaneça na alma; e que todos os pensamentos, palavras e ações sejam governados pelo puro amor” (John Wesley, sermão 40, A Perfeição Cristã). Quanto mais nos tornamos solidárias e solidários às dores de

outras pessoas, mais nos assemelhamos ao Pai, mais comprometido com a justiça demonstramos.

Conclusão

Uma pergunta nos resta: por que nos comprometer, trabalhar e sofrer e buscar o cumprimento da justiça? Porque essa é a vontade de Jesus Cristo! Nesse movimento de busca, acende em nós a esperança eterna de um novo céu e uma nova terra onde habita essa justiça. ” (2Pedro 3.13). Esta é completa implantação do Reino de Deus. Assim, essa esperança não é aquela em que se cruza os braços, mas sim a que nos motiva a trabalhar, a espalhar a Boa Nova de Cristo com confiança de que Ele suprirá todas as nossas necessidades. “Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6.33).

BATE-PAPO

Quais as principais barreiras para o exercício da justiça nos dias de hoje? Como superá-las?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Mateus 5.1-11

Segunda-feira: Mateus 6.1-6

Terça-feira: Mateus 6.9-15

Quarta-feira: Mateus 7.17-23

Quinta-feira: Mateus 5.13-16

Sexta-feira: Mateus 5.18-26

Sábado: Mateus 5.29-30



Lição 09

ISRAEL E OS GIBEONITAS

Texto bíblico: Josué 9

“Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte”. Provérbios 14.12

As aparências enganam!” – é um dito popular que pode traduzir a expressão de provérbios, que nos alerta a não nos deter na primeira impressão dos fatos ou pessoas. O episódio da aliança firmada por Israel com os gibeonitas tem muito a nos ensinar nesse sentido e também sobre o cuidado que devemos ter em submeter todas as nossas decisões ao Senhor. Vejamos alguns detalhes desse acontecimento.

Os gibeonitas e sua estratégia

Os gibeonitas eram vizinhos de Israel em Canaã. Habitavam em Gibeão, Cefira, Beerote e Quiriate-Jearim (v.17), cidades próximas de Gilgal, onde Israel se instalou ao atravessar o Jordão (Josué 4.16-19).

Enquanto outros povos vizinhos se uniam para lutar contra Josué e Israel, eles pensaram numa estratégia melhor, criando um “esquema” para se aliançar com eles. Fingiram-se embaixadores de uma terra distante, disfarçando-se para isso, e convenceram Israel de fazer aliança com eles, dizendo estar ali “por causa do nome do Senhor, teu Deus; porquanto ouvimos sua fama...” (v.9). Sabedores das vitórias de Israel e de como Deus estava com eles em suas batalhas, temeram ser destruídos, por isso buscaram aliança passando-se por outro povo.

Por um lado, pareciam reconhecer que Israel tinha um Deus poderoso que estava com eles e acharam que valia a pena se submeter a esse povo e não lutar contra ele. Por outro, no entanto, sua astúcia levou-os a enganar os líderes povo de Deus através de uma estratégia bem elaborada.

Essa ideia dos gibeonitas ainda é presente nos nossos dias. Um pensamento de que basta falar no nome de Deus – ainda que de alguma forma se reconheça seu poder – e tirar proveito disto. O senso de

autopreservação leva as pessoas a mentir e dar “jeitinhos”, considerando que é por “uma boa causa”. Mas quem confia no Deus de Israel não precisa de enganos para se preservar. Deus faz isso pelo seu poder! A verdadeira confiança em Deus nos leva a seguir as instruções da Palavra e andar em verdade. A nossa segurança é o Senhor. Cabe a nós buscar discernimento sobre o que ouvimos e nos cuidar para não cair nesse tipo de tentação.

Uma decisão precipitada

Apesar de questionar os “visitantes”, os líderes de Israel foram iludidos por sua aparência (eles usavam roupas, utensílios e calçados velhos e tinham pão velho e bolorento consigo – vv. 4-5) e palavras enganadoras.

O maior erro dos israelitas foi não consultar o Senhor. Deus já havia dado instrução sobre não fazer alianças com os povos da terra de Canaã (Êxodo 34.12), mas provavelmente eles acharam que não era o caso, pois acreditaram na mentira dos gibeonitas. Se tivessem consultado o Senhor, certamente saberiam que era uma cilada. Saberiam também se tivessem o cuidado de pesquisar sobre os estranhos, pois três dias depois da aliança firmada já tiveram notícias a respeito deles (v. 16).

O fato é que algo levou aqueles líderes a assumir precipitadamente uma aliança com um povo que eles não conheciam bem. Autoconfiança

no senso de julgamento, senso de misericórdia, ou outro motivo – não sabemos o que os moveu, mas sua decisão traria consequências para todo o povo.

Este acontecimento nos ensina que não podemos nos deter na primeira impressão! Os gibeonitas se fizeram de necessitados para conseguir o que queriam dos israelitas. Tudo indicava que eles falavam a verdade, mas não. Quando desejamos abençoar pessoas ou fazer acordos, precisamos discernir os fatos.

Provérbios alerta sobre caminhos que parecem bons, mas levam à morte (14.12). Não se trata só de discernir as necessidades, mas os propósitos de Deus para tudo o que vamos fazer. Da mesma forma pode acontecer o contrário: encontrarmos alguém que pareça não precisar ou “merecer” nosso apoio, amizade e acordo, mas dos quais devemos nos aproximar.

Se queremos viver para a glória de Deus, andar em seus caminhos e cumprir sua vontade, devemos submeter todas as situações e escolhas da nossa vida a Ele, e não nos deixar levar por aparências, emoções ou mesmo necessidades. Alianças e acordos errados podem nos levar a lutas e trabalhos que não são nossos, nos fazendo investir tempo e energia que poderiam ser melhor aplicados, mas se damos nossa palavra, devemos cumprir.

Assumindo a responsabilidade

O povo chegou até o território dos gibeonitas, mas não podia exterminá-los por causa da aliança firmada pelos líderes (príncipes do povo) o que trouxe descontentamento. Mas os líderes assumiram a responsabilidade do juramento feito se explicando ao povo, honrando a palavra empenhada e poupando a vida dos gibeonitas, porém, tornando-os escravos e colocando-os para servir ao povo e ao altar do Senhor.

Mesmo tendo sido enganados, os líderes não deixaram que isso interferisse no seu caráter ou levasse-os a pagar na mesma moeda. Eles mantiveram a integridade e assumiram as consequências de sua precipitação, que não foram poucas. Além de manter a vida dos gibeonitas dando-lhes moradia no território, por causa da aliança feita, Israel teve que lutar para defender Gibeão quando seus inimigos apareceram. Essa não era uma luta deles, mas tiveram que empenhar força e recursos para lutar pelos gibeonitas porque se comprometeram em nome do Senhor.

Como cristãos e cristãs somos desafiados a honrar nossa palavra, assumir as consequências de nossas escolhas, sabendo que, mesmo quando somos enganados, Deus não se engana. O que está à prova em nossa vida cristã não são as outras pessoas, mas nós mesmos. É como reagimos

que revela nosso caráter. Ainda que alguém nos traia ou use de má fé para conosco, isso não deve nos levar a buscar justiça humana ou agir da mesma forma. Devemos honrar nossos compromissos com as pessoas e assumir as responsabilidades pelos acordos e escolhas que fazemos. Com a ajuda do Senhor, até as escolhas ruins podem cooperar para nosso bem e forjar nosso caráter.

Deus respalda alianças por amor de seu nome

A aliança de Israel com os gibeonitas foi feita em nome do Senhor (v. 18). Muito tempo depois, Saul tentou destruir os gibeonitas e por causa disso Deus permitiu que viesse a fome sobre Israel, para que soubessem que uma aliança havia sido quebrada (2Samuel 21.1). Um juramento feito em nome do Senhor não poderia ser quebrado nem mesmo pelas gerações futuras. Ainda que Deus não

tenha sido consultado, Ele foi com os israelitas quando lutaram por Gibeão e estendeu sua graça a esse povo. Isso revela a misericórdia do Senhor.

A Bíblia nos ensina que Deus permanece fiel mesmo quando somos infiéis. Em Jesus Cristo a graça e misericórdia de Deus se estendem a todas as pessoas. Podemos abençoar aqueles e aquelas que ainda não reconhecem o amor de Jesus e ser instrumentos para que se entreguem a Ele. Mas na hora de nos associar ou aliançar, precisamos consultar o Senhor e entender seus propósitos.

Conclusão

Andar com Jesus e cooperar na construção do Reino de Deus exige de nós dependência do Senhor, fidelidade nos mínimos detalhes e um caráter aprovado. Isso se revela nas nossas escolhas e na responsabilidade que assumimos em honrar nossa palavra.

BATE-PAPO

O que podemos fazer para evitar enganos e escolhas erradas na nossa vida?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Josué 9

Segunda-feira: Êxodo 34.10-17

Terça-feira: Josué 4

Quarta-feira: Josué 5

Quinta-feira: Josué 6

Sexta-feira: Josué 8

Sábado: Tito 2.11-14



Lição 10

CONSTRUIR UM LUGAR HABITÁVEL

Texto Bíblico: 2Reis 6.1-7

“... construamos um lugar que habitemos”. v.1

Ao pensar em caráter cristão, ética, integridade e missão, nos vemos em um projeto de construção coletiva que exige compromisso missionário e saudáveis relações interpessoais. Na sociedade em que vivemos, esta deve ser uma das propostas missionárias da Igreja: convidar pessoas para habitar junto, entendendo-se como construtora de um ambiente onde todo mundo tenha espaço, vez e voz.

Cada um de nós pegará uma viga

Este texto é um diálogo entre pessoas de uma mesma comunidade: Eliseu e seus discípulos, que integravam a Escola de profetas, um espaço de formação teológica e de resistência à apostasia da época, uma espécie de fraternidade formada por homens, geralmente jovens, que se consideravam irmãos e eram chamados de filhos do líder – nesse caso, Eliseu.

Ao que parece, a comunidade estava crescendo e o espaço de reunião se tornava pequeno. Então, os discípulos sentiram a necessidade de ampliar o lugar. Uma formação bíblica e teológica que fortalece a espiritualidade e o compromisso missionário provoca o aumento da comunidade. Essa formação deve estimular a análise da realidade para perceber o que precisa mudar e também oferecer liberdade para propor tais mudanças. Foi isso que aconteceu. Os discípulos se dirigiram a Eliseu sem temor: “eis que o lugar que habitamos contigo é estreito demais para nós. Vamos, pois, ao Jordão, tomemos de lá, cada um de nós uma viga, e construamos um lugar em que habitemos” (vv.1-2).

Interessante perceber o engajamento desses jovens discípulos, pois seu discurso não se limitou a destacar a fragilidade da comunidade, mas apresentaram também uma proposta de ação e, mais do que isso, o entendimento de que todos precisavam trabalhar juntos. *A proposta*: ir ao Jordão

pegar madeira. *O comprometimento*: cada um pega uma viga. *O objetivo*: construir um lugar para habitar, para melhor se acomodar.

Liderança não é um título vitalício

A resposta de Eliseu foi positiva e desafiadora: “Ide”. E a resposta do discípulo foi acolhedora: “serve-te de ires com os teus servos”. Fica implícita no diálogo a conjugação de talentos. Eliseu estava na liderança e liberou a ação; os discípulos eram liderados e fizeram questão de sua presença. No projeto da construção de um lugar habitável, todos tinham um papel a desempenhar.

A função da liderança não é vitalícia, surge diante de determinadas situações. Há tempos em que lideramos e outros em que alguém nos lidera. Numa relação de hierarquia, uma pessoa manda e as outras devem obedecer. Numa relação de comunhão, quem lidera age com autoridade instituída por Deus, e quem está sob a liderança se dispõe a obedecer em amor, pois a relação é de partilha e não de opressão.

Quem lidera não deve apenas deixar que as pessoas façam, deve acompanhar o projeto e “meter a mão na massa” com o grupo. Quem está sob liderança precisa entender que a presença de líderes é parte importante no projeto de Deus para a comunidade de fé. O diálogo honesto e respeitoso entre as pessoas

envolvidas é a ponte para que a missão aconteça.

Caiu meu machado

Num mesmo propósito, Eliseu e os discípulos se dirigiram ao Jordão para cortar madeira (v.4). Enquanto trabalhavam, o machado caiu na água (v.5). Há aflição na fala de quem perdeu a ferramenta: “Ai! Meu Senhor! Porque era emprestado”. Conseguir ferramentas naquela época não era fácil. A escola de profetas era uma comunidade pobre, com poucos recursos financeiros, talvez daí a necessidade de emprestar ferramentas.

Na construção de um projeto comum, de um lugar habitável, é possível que situações indesejadas apareçam; mesmo trabalhando com responsabilidade, podemos “perder as ferramentas”, isto é, o ânimo, a alegria e o sentido missionário. Ninguém está livre disso.

O que fazer quando isso acontece? O jovem fez a coisa certa, dirigiu-se ao profeta, que representava a presença de Deus diante da comunidade. Não estamos livres de sofrer tribulações enquanto servimos a Deus, mas somente nele encontraremos força e auxílio para solucionar nossos problemas e fortalecer nossa fé para seguir construindo.

E quando quem nos acompanha na missão perde seu instrumento? Precisamos agir como Eliseu. Ele não reclamou, mas quis saber onde caiu para ajudar, se dispôs a recuperar a

ferramenta perdida (v.6). A relação de confiança e amizade fez com que Eliseu se interessasse pelo problema do seu discípulo e fez com que o jovem aflito se sentisse à vontade para partilhar seu problema.

Na construção de um lugar onde todas as pessoas possam habitar, a confiança e o acolhimento são fundamentais. Diante das fragilidades de nossos irmãos e irmãs, precisamos ajudar. Ao agirmos assim, damos mais possibilidade para que a pessoa se recupere e reassuma o seu lugar na obra.

Eliseu ajudou a encontrar o ferro lançando o pedaço de pau na água, Deus fez o machado flutuar, mas foi o jovem que o recuperou. Isto nos dá pista de como ajudar: nossa missão é colaborar no processo de transformação e superação das dificuldades, estar junto, disponíveis para a ação de Deus através de nós. O fato de a pessoa ter “perdido seu machado”, isto é, ter apresentado fragilidades na caminhada missionária, não significa que ela não possa voltar a ajudar na obra. Nosso compromisso é ajudá-la a se recuperar e fazê-la voltar e sentir-se reintegrada ao projeto missionário. Nós fazemos a nossa parte e Deus faz o milagre. Deus fez o ferro flutuar, Deus faz a vida ser completamente restaurada.

Instrumentos emprestados

Há muitas formas de colaborar na missão de construir um bom lugar para que habitemos. O machado que caiu na água era emprestado –

alguém se envolveu como podia emprestando o que tinha.

O machado era uma ferramenta de trabalho e a pessoa que o emprestou deixou de usá-lo para si em prol do bem comum. Tudo o que nós temos é emprestado: nossos bens, talentos, formação, são presentes da graça e do amor de Deus. Quem emprestou o machado deve nos servir de inspiração! Como nos relacionamos com o projeto missionário da nossa igreja? Se não temos envolvimento direto em uma obra específica, podemos sustentar quem está. E isso não significa apenas investimento financeiro, existem inúmeras formas de ajudar, como a intercessão, o encorajamento. Sempre temos algo

com que podemos abençoar a obra missionária. Um coração disponível receberá orientação de Deus sobre como investir na Missão.

Conclusão

O crescimento da obra missionária requer (re)construções de todo tipo: espiritual, relacional e também física. Essa é uma obra coletiva, em que cada pessoa tem muito a colaborar, direta ou indiretamente. Às vezes, no cumprimento da missão, nós fraquejamos, mas é com a ajuda de Deus e de outras pessoas que superamos as dificuldades. Deus nos ajudará a construir um lugar habitável para quem já está na comunidade e para quem ainda chegará.

BATE-PAPO

Qual dos personagens do texto apresenta o maior desafio para sua atuação missionária? Por que?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: 2Reis 6.1-7

Segunda-feira: Eclesiastes 11

Terça-feira: Romanos 12

Quarta-feira: 2Reis 4.38-44

Quinta-feira: Salmo 51

Sexta-feira: Isaías 54

Sábado: Mateus 25.14-30



Lição 11

NOSSA RELAÇÃO COM A NATUREZA

Texto Bíblico: Romanos 8. 19-23

“Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus...” v.19

O texto bíblico desta lição destaca que a criação aguarda a manifestação dos filhos e filhas de Deus que herdaram não somente o privilégio da filiação, mas também a responsabilidade de ser mordomos fieis da criação de Deus. Essa transformação é realizada pelo Espírito de Deus que tem o poder de mudar o interior, os valores mais fundamentais do ser humano. E Deus já providenciou tal transformação por meio da justificação em Cristo, através da cruz. Logo, os filhos e filhas de Deus, como parte da criação, devem transformá-la, ao mesmo tempo em que são transformados(as). A criação é obra de Deus e assim reflete algo do Criador, o amor por tudo o que Ele fez.

O pecado trouxe separação

A morte e a separação entraram no mundo como consequência da queda pelo pecado humano, de modo que a queda trouxe a separação entre Deus e o ser humano, do ser humano com o seu semelhante e com o restante da criação.

A separação humana do restante da criação é percebida no mundo por meio da destruição da natureza, da poluição das águas, da terra e do ar; pela extinção de várias espécies de animais; pela exploração irresponsável das fontes de energias naturais, etc. Enfim, toda degradação ambiental está relacionada à degradação da humanidade e é reflexo da condição humana pecaminosa.

João Wesley, em suas reflexões sobre a criação, aponta para a fé santificadora. Ele pressupõe que não se pode conceber a separação entre o cuidado com o meio ambiente e a prática da vida cristã. Ensina também que devemos desenvolver uma disciplina espiritual e física, bem como realizar ações no sentido de proteger a terra e toda a criação.

No enfoque da “santidade social”, preconizado por Wesley, bem à frente de seu tempo, a preocupação com sustentabilidade ambiental já se manifestava, visto que o enfoque de seus estudos não era apenas sobre convivência entre as pessoas do seu tempo, mas também delas com as gerações futuras para quem, como “mordomos” e detentores(as) da custódia da

terra, devemos entregar a natureza devidamente cuidada e protegida, conforme o plano original de Deus.

Ora, visto que o ser humano é dotado de razão, segundo Wesley, ele tem o dever de compreender e defender esse lugar comum a todas as pessoas que é a terra. Wesley chamava esse dever de imagem política de Deus, que é uma responsabilidade inerente ao ser humano, propiciada pela graça de Deus mediante um relacionamento vivo com Ele (RUNYON, 2002 p. 23). Wesley ensina que é no tempo presente que começa a renovação da criação. Ele não tratou a santificação apenas no que diz respeito à justificação, mas enfatizou que ela não se completa antes da renovação da vocação original para a qual a humanidade foi criada, que é refletir e viver a imagem de Deus no mundo, ou seja, a humanidade precisa resgatar a imagem de Deus perdida com a queda, e esse resgate faz parte do processo de santificação que visa à vida eterna.

Cuidar da criação: semelhança com Deus

Observando o relato da criação (Gênesis 2. 4-15) vemos que não havendo ninguém para lavrar a terra, Deus fazia com que um vapor a regasse. Então Ele fez o ser humano do pó da terra, à sua imagem e semelhança, e lhe deu a responsabilidade de lavrar e cuidar do jardim que havia criado. Essa missão foi desvirtuada como

consequência do pecado, conforme descrito em Gênesis 3.18-23. Por sua vez, visto que a Graça restaura os planos iniciais de Deus em relação à humanidade, isto é, o relacionamento de Deus com o ser humano e também do ser humano com a natureza; a nova criação de Deus deve ser reestabelecida em sua função de cuidar da terra, conforme mostra o texto de Romanos.

John Wesley concebia a imagem de Deus também de forma relacional, pois ao invés de enfatizar algo que o ser humano possui, destaca a maneira como ele se relaciona com Deus e com o mundo. De modo geral, a imagem de Deus no ser humano diz respeito ao amor e ao relacionamento. Portanto, não se trata de “uma capacidade ou uma posse inerente ao ser humano, mas um relacionamento vivo propiciado pela graça divina” (RUNYON, 2002, p. 23). Ele também dizia que somos “mordomos” de Deus, que não possuímos nada, já que tudo pertence a Ele.

Em seu sermão intitulado “O mordomo fiel” (n. 51), Wesley exorta: “Dá contas de tua mordomia, porque já não poderás mais ser mordomo” (Lucas 16.2). Ao final, ele ensina: “Aquele que nos dá tudo deve necessariamente ter direito a tudo; assim, se lhe dermos alguma coisa menos que a totalidade, não poderemos ser despenseiros fiéis. E, considerando que ‘todo homem receberá sua própria recompensa,

segundo seu próprio labor’, não poderemos ser sábios despenseiros, a não ser que trabalhemos até o derradeiro limite de nossa capacidade, não deixando por fazer coisa alguma que possa ser feita, mas nisso empregando toda nossa força” (JOSGRILBERG, 2003, p.99).

Ora, visto que teremos de dar contas a Deus da nossa mordomia, isto é, da nossa função de cuidar da criação como um todo, devemos desde já cuidar dos mananciais, das reservas naturais, das áreas de preservação, do habitat natural, parques, etc.

Dentro dessa visão, não há como se apartar o processo de santificação do zelo pelo meio ambiente. Se santificação envolve uma nova criação da imagem de Deus no ser humano a renovação da imagem política, que representa o cuidado humano da criação, também deve ser observada.

Somente a renovação gradual da imagem de Deus – ou seja, a santificação manifesta na vida das pessoas – constituiria um testemunho concreto do propósito de Deus na criação e de sua promessa de renovar o céu e a terra (JENNINGS JR, 2007, p.84).

Conclusão:

A Igreja não pode ficar estática diante da notória degradação ambiental em nossos dias. É preciso pregar, divulgar e debater o tema, visto que é impossível ao ser humano atingir a

sanctificação sem que a imagem política de Deus que está diretamente ligada ao cuidado da criação, seja também restaurada. Nós também, no nosso dia a dia, precisamos agir em favor da natureza, nos pequenos

detalhes: usando com sabedoria os recursos naturais, cuidando dos espaços públicos como cuidamos da nossa casa, ajudando na conscientização das pessoas próximas sobre o cuidado com a natureza.

BATE-PAPO

Como nossos atos do dia a dia negam a imagem política de Deus em nós? O que podemos mudar nos nossos hábitos em favor da natureza e qual nossa disposição para isso?

**LEIA DURANTE
A SEMANA**

Domingo: Romanos 8.19-23

Segunda-feira: Gênesis 2

Terça-feira: Gênesis 1

Quarta-feira: Gênesis 3

Quinta-feira: Salmo 19.1-7

Sexta-feira: Gênesis 9.1-3

Sábado: Salmo 104

ANOTE

[illegible]



Lição 12

DIÁLOGO E TOLERÂNCIA

Textos bíblicos: Gênesis 11.1-9; Atos 2.1-13

“E como os ouvimos falar, cada um em nossas próprias línguas as grandezas de Deus? (...) Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!” Atos 2.11, 13

A palavra diálogo vem da fusão de duas palavras gregas: dia e logos. Dia pode ser traduzido como “através” enquanto que logos assume vários significados como “palavra”, “expressão”, “significado”. O diálogo é premissa para a convivência; por meio dele nos colocamos no mundo, interagimos e nos transformamos. Para além da conceituação da palavra diálogo, está o desafio de dialogar. Há diálogos e diálogos, no entanto, quer positivos ou negativos, autoritários ou “empoderadores”, são eles que estabelecem as nossas relações sociais. O diálogo nos compromete.

Quando a torre sobe

Os dois textos desta lição se referem respectivamente a Babel e Pentecostes. A ênfase da nossa abordagem é pensar em como dialogamos entre nós, membros da mesma comunidade de fé e com outras pessoas de fora do nosso “arraiá”. Nossa proposição é que em tempos de Babel (para fazer alusão aos tempos que vivemos hoje) temos o desafio de dialogar como em Pentecostes.

A festa de Pentecostes que aconteceu após a morte e ressurreição de Jesus ficou marcada para sempre na história da humanidade. Foi nesse dia, quando as pessoas reunidas dialogavam, louvavam e oravam, que se cumpriu a profecia anunciada no Antigo Testamento (Joel 2.28-32) e a promessa de Jesus (Lucas 24.50-53): o Espírito Santo inundou a vida humana! Há quem afirme que o Pentecostes é a redenção da torre de Babel (Gênesis 11.1-9).

A torre de Babel foi construída ao mesmo tempo em que a cidade (v.4); as pessoas que lá chegaram se apropriaram de uma terra (v.2), desenvolveram suas tecnologias (v.3), e se iludiram ao achar que teriam o controle sobre tudo. Nessa construção estavam implícitos a autopromoção, a onipotência e o egoísmo, pois queriam se fechar em si mesmos, ter posição de privilégio em relação às outras pessoas e se encerrar em seu universo (v.4).

Interessante perceber que o desejo era subir aos céus (v.4), mas não para ver Deus e sim se autopromover. A intencionalidade nada tinha a ver com a sua fé ou expressão de religiosidade; foi Deus que desceu, como em Pentecostes, para ver a cidade e a torre e, ao que parece, não gostou do que viu (v.5-6).

Se pensarmos na cidade como a nossa sociedade, percebemos que os valores que motivaram a construção daquela torre ainda estão presentes e ditando a forma das pessoas verem, falarem e viverem. Não há problema nenhum na busca de realizações pessoais, o problema está em encerrar a vida nesses projetos. A nossa realização pessoal e profissional precisa estar conectada com a casa comum (*oikos*), com a família, a Igreja, a sociedade, com o planeta!

Na Babel atual temos o desafio de manter o diálogo anunciado em Pentecostes. Difícil tarefa a nossa! Em meio às demandas da cidade e projetos pessoais, nosso coração deve estar na casa comum, na tarefa solidária de colaborar para que outras pessoas encontrem a Cristo.

A Igreja, ainda que inserida na sociedade, não pode se deixar seduzir a ponto de se tornar uma torre. Isso nos isola e, diferente disso, precisamos ser um espaço transformador e de acolhida. Nossa missão não é construir uma torre que nos leve até o nosso ego, mas uma ponte que

nos dirija ao pleno conhecimento de Jesus Cristo.

Quando o Espírito desce

Gênesis 10 deixa explícito que já havia povos dispersos e várias línguas (v.5). A confusão que surge a partir da intervenção de Deus se dá em relação à linguagem. Se definirmos linguagem como uma prática social e interativa, podemos inferir que Deus confundiu a forma deles se relacionarem, aquela linguagem única era algo muito ruim. Com a ação de Deus eles passaram a não se entender mais e cada um(a) foi viver outras experiências; saíram do seu mundo, da sua torre.

Quando o Espírito desceu, encontrou pessoas disponíveis que aguardavam as ordens para construção do seu projeto (Lucas 24.44-49; Atos 1.12-14; 2.1). A manifestação divina não é para confundir! Com o simbolismo das línguas de fogo, Deus veio dialogar e impulsionar as pessoas a dialogarem e se entenderem. Assim aconteceu, os discípulos que ali estavam começaram a falar em diversos idiomas sobre as grandezas de Deus (v. 2.4). Para além da polifonia das línguas, a linguagem do amor de Deus era anunciada e as pessoas entendiam (v.6).

A linguagem em Babel era única, não favorecia o diálogo com quem não estava na cidade; ao que parece ela se apresentava sob a forma de um monólogo opressor, explorador e

enganoso que promovia um projeto de vida egoísta, centrado em si mesmo. De fato, era preciso confundir essa linguagem (v.7)! Por mais alta que fosse a torre, nunca chegariam a Deus dessa forma, pois nos aproximamos dele apenas pela sua graça e quando isso acontece, percebemos a necessidade de amar e dialogar com outras pessoas (Mateus 22.37-40).

Entre Babel e Pentecostes

Na torre de Babel o domínio de tecnologias avançadas apontava para um conhecimento técnico, privilegiado. Quem propunha o diálogo, quem trazia a mensagem do que fazer e como fazer, tinha um conhecimento formal e de destaque social. As técnicas de construção eram refinadas, sabedoria vinda da Mesopotâmia.

E quem falava em Jerusalém por ocasião daquele Pentecostes especial? Galileus! O que isso significa? Galileus eram pessoas da periferia, do interior, sem muita instrução formal (Atos 4.13). Isso tornou o episódio mais surpreendente ainda, porque era gente simples que, guiada pelo Espírito Santo, anunciava algo que pessoas de várias partes do mundo, de diferentes graus de instrução e posições econômicas puderam entender (Atos 2.5-7).

Entre a admiração e o espanto havia, no coração de quem era teemente a Deus, a disposição de ouvir e se apropriar da mensagem do Evangelho. No entanto, havia também

quem não estava disponível para ouvir, dialogar e se comprometer. Por isso, desprezava o que estava acontecendo e até loucura falava: “É bebedeira”. Não era bebedeira, estava muito cedo (v.15). Comer e beber tão cedo não era parte do costume judaico. No diálogo em Pentecostes houve temor, obediência e disposição em dialogar com gente diferente. Houve cuidado com o que era dito, reconhecimento de que a sabedoria humana pouco vale diante da sabedoria divina. Assim devemos agir.

Conclusão

Vivemos um tempo de muita intolerância. As pessoas se ofendem com opiniões diferentes e até se agridem por isso. Precisamos nos dispor para dialogar mais. E que seja o nosso diálogo um reflexo do que aconteceu em Pentecostes. Uma coisa temos por certo: a graça de Deus entre nós, por meio da revelação bíblica, pode nos encher de humildade e compaixão para ouvir, e também de coragem, respeito e misericórdia para falar!

BATE-PAPO

Que ações podemos desenvolver para diminuir a intolerância e melhorar a convivência, a partir da família e da Igreja?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Gênesis 11.1-9; Atos 2.1-13

Segunda-feira: Mateus 12.36-37

Terça-feira: Atos 7.1-53

Quarta-feira: Atos 8.26-40

Quinta-feira: Jeremias 1.1-10

Sexta-feira: Ezequiel 2-3

Sábado: Êxodo 4

ANOTE



Lição 13

DEFICIÊNCIA NÃO É CASTIGO

Texto Bíblico: João 9.1-12

“Meus irmãos, não tendes a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em aceção de pessoas”. Tiago 2.1

De acordo com o censo do IBGE, em 2010, havia no Brasil 45,7 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, o que representava cerca de 22% da população, que então era de 207 milhões de habitantes. Embora não haja uma estatística sobre a participação dessas pessoas em igrejas, acredita-se que o número é baixo. Assim, temos entre essa população um fértil campo missionário. A ação de Jesus e junto ao cego de nascença nos inspira na busca de seguir construindo uma igreja cada vez mais acessível para todas as pessoas.

Nascido para a glória de Deus

Antes do episódio da cura, Jesus sai do templo para não ser apedrejado pelos judeus (João 8.59). Fora, ao caminhar, Ele se depara com o cego que certamente estava a esmolar, algo comum na vida de deficientes da época. Se Jesus tivesse permanecido no templo, provavelmente não teria encontrado aquele cego, pois as pessoas com deficiência não eram bem-vindas nos espaços religiosos; na realidade, de acordo com o livro de Levítico (17.17-21), elas nem podiam oferecer sacrifícios no templo.

O texto em questão contém uma peculiaridade interessante: é a única vez em que se menciona nos evangelhos que o cego curado nasceu nessa condição, o que pode indicar um caso especial.

Este relato ensina a Igreja a viver a totalidade da graça de Cristo de forma prática, rejeitando a exclusão imposta por uma cultura preconceituosa e experimentando a palavra libertadora de Jesus para todas as pessoas.

Os discípulos, mesmo recebendo diariamente os ensinamentos de Jesus, não foram capazes de libertar-se do pensamento judaico e tão logo viram o cego já fizeram uma pergunta no mínimo perturbadora: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?” (v.2). Tal questionamento partia de uma crença da época, de que doenças ou deficiências eram fruto de castigo divino

pelo pecado do indivíduo ou de seus ancestrais. Jesus teve a oportunidade de esclarecer de uma vez por todas esta questão que dava origem a um comportamento excludente que vinha de muitas gerações.

Com a cura do cego, Jesus criou uma oportunidade perfeita para dar uma resposta que sanasse a dúvida e crença que durante séculos impactou diretamente a história das pessoas com deficiências, a saber: “Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus”. (v.3)

Esta fala foi desconcertante, pois nenhuma das hipóteses levantadas pelos discípulos estava certa. Na verdade, Jesus afirmou que aquele cego nasceu para glória de Deus. Naquele caso a glória de Deus se manifestou através da cura, e em inúmeros outros esta glória se manifesta quando, independentemente de curas físicas, pessoas deficientes e doentes vivem para o Senhor exercendo sua vocação no corpo de Cristo.

Deficiência não é castigo

O modo como Jesus tratou essa questão lançou bases para erradicar a associação entre deficiência e castigo. Todavia, ainda hoje esta associação errônea permanece nos mais variados segmentos cristãos, inclusive justificada por passagens bíblicas, em especial a de Êxodo 20.5,6. Um olhar mais atento, porém, faz perceber que este texto não trata de

pessoas com deficiência, mas sim do pecado de curvar-se a ídolos.

Outros textos nas Escrituras nos ajudam a perceber o valor da promoção da inclusão e da justiça, marcas inegociáveis do Reino de Deus. Um exemplo é Levítico 19.14: “Não amaldiçoarás o surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas temerás o teu Deus”. Neste sentido o que o Messias espera de sua Igreja é uma prática que promova a vida em suas diferenças e totalidade, pois há inúmeras pessoas deficientes e famílias que precisam ouvir falar do amor de Cristo e experimentar a bênção de fazer parte da comunhão da Igreja.

Quão envolvida está a nossa igreja no alcance dessa população tão diversa e especial? Qual é o nosso envolvimento pessoal com a causa da deficiência?

Rompendo com as nossas limitações

O desafio da convivência com pessoas deficientes é imenso e enriquecedor para quem nele se envolve. Nas atitudes de Jesus e dos discípulos em relação ao cego, encontramos pistas de como superar as nossas limitações.

Sair do templo: Jesus saiu do templo e no entorno se encontrou com quem não conseguia chegar até lá. Nós temos o desafio de sair da nossa cômoda religiosidade, levando nossa atuação missionária às pessoas

menos favorecidas. Com quantas pessoas com deficiência você se relaciona? Elas não existem nos seus círculos de amizades ou estão invisíveis ou excluídas deles? O primeiro passo é atentar o olhar, enxergar quem não tem sido visto por conta do preconceito e da discriminação.

Perguntar, conhecer: A atitude dos discípulos de perguntar foi muito importante. Foi assim que eles conheceram a verdade. Nossa intimidade com Jesus deve produzir em nós sede de conhecer, de repensar aquilo que nos foi ensinado. Nós sabemos pouco ou nada sobre a deficiência e quanto menos dialogarmos sobre esse tema, mais os pré-conceitos vão se solidificando. Não há problema em não conhecer, o problema é não querer ter a possibilidade em mudar de opinião, em ampliar o conhecimento da graça e do amor de Jesus. Quando conhecemos, sentimos mais segurança em nos aproximar.

Escutar a voz das pessoas deficientes: a fala do cego é evidenciada em três versículos: 9 e 11 e 12. Depois, durante a discussão teológica que se segue no texto, vemos mais registros da sua fala (vv.17,25,27,30,31,33,38). O olhar de Jesus para aquele homem abriu possibilidades para ele falasse, se afirmasse, anunciasse a sua história e por fim, fizesse a sua confissão de fé: “Creio, Senhor” (v.38). O espaço que as pessoas deficientes precisam ter em nossa Igreja não é

apenas físico. Além das medidas de acessibilidade é importante dar a elas voz, e as pessoas sem deficiência devem ter coragem e humildade para ouvi-las e aprender com elas. O que será mais perfeito para Deus? Ministrações “impecáveis” do ponto de vista humano ou a participação de diferentes pessoas, inclusive as que têm deficiências?

É tempo de removermos as pedras do caminho, como falta de compreensão, falta de acessibilidade, falta de pessoas para aprender a língua brasileira de sinais (LIBRAS), falta de interesse por esta área da missão, para vermos cumprir o que declara Isaías 29.18 “Naquele dia, os

surdos ouvirão as palavras do livro, e os cegos, livres já da escuridão e das trevas, as verão”.

Conclusão

Jesus tinha um propósito claro ao dar vista para o cego de nascença; além de abençoá-lo com a visão e glorificar o nome do Pai através do milagre, Ele desejava acabar com o preconceito da época e dos dias de hoje; O mestre aposta em seus servos e servas para dar a todas as pessoas o amor que dilui todo tipo de discriminação. Constantemente precisamos nos lembrar que fomos chamados e chamadas para fazer exatamente como nosso Jesus fez quando esteve na terra.

BATE-PAPO

Quantas pessoas com deficiência frequentam a sua Igreja? Por que você acha que isso acontece?
O que você pode fazer para que pessoas com deficiência sejam acolhidas em sua igreja?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: João 9.1-12

Segunda-feira: Êxodo 4.10-12

Terça-feira: Lucas 18.35-43

Quarta-feira: Ezequiel 18.1-4

Quinta-feira: Deuteronômio 24.16-20

Sexta-feira: Isaías 35.1-10

Sábado: Salmos 113



Lição 14

ANANIAS E SAFIRA

Texto bíblico: Atos 5.1-11

“Levantando-se os moços, cobriram-lhe o corpo e, levando-o, o sepultaram”. v.6

Dados do censo de 2010 apontam que cresceu o número de pessoas que se denominam “evangélicas não praticantes”; muitas delas são jovens e oriundas de lares evangélicos. Talvez você conheça alguém que se encaixa nessa situação: a pessoa crê no Evangelho, mas não está disposta a viver os desafios implícitos nessa fé; às vezes, as pessoas preferem se eximir da responsabilidade de lutar por uma igreja saudável e relevante. Mas não é isso que Deus espera de nós. A participação da juventude no episódio da morte de Ananias e Safira foi fundamental e pode nos inspirar na nossa atuação missionária.

Era um só o coração e a alma?

O relato de Ananias e Safira contrasta com os dois anteriores, registrados no final de Atos 4 (vv. 32-37), que apresentam a opção radical de solidariedade e comunhão assumida pela comunidade cristã, exemplificada por Barnabé, que vendeu um campo e entregou o dinheiro aos apóstolos, conforme o compromisso de fé.

Após a descrição da proposta de vida da igreja primitiva, o autor parece apontar que nem todas as pessoas agiam da mesma maneira.

Ananias e Safira eram casados e possuíam uma propriedade. Ao optarem por viver em comunidade, esta propriedade não lhes pertencia mais (vv.32,34). Eles venderam o terreno, mas retiveram uma parte do valor para benefício próprio.

Na comunidade que era caracterizada por ter um mesmo coração (v.32), ou seja, a mesma maneira de pensar, havia corações que não estavam inteiros no propósito. É isso que Pedro denuncia: “por que encheu Satanás o teu coração...” (v.5.3). Ao dar espaço a Satanás, Ananias planejou ficar com parte do dinheiro que não era mais dele. O projeto de Cristo era mais do que uma vida de aparências, requeria integridade e entrega total do coração.

O Evangelho nos coloca em xeque

Será que havia problema em Ananias guardar seu próprio dinheiro? Aqui

está a questão. Embora fosse o representante legal do terreno, junto com sua esposa Safira, a propriedade já não era mais deles, agora pertencia à comunidade. Foi um compromisso voluntariamente assumido (4.32-35). Barnabé o cumpriu (vv.36-37), mas ao que parece, o casal não estava tão disposto a isso (vv.5.1-2).

Em Atos 5.4, Pedro destaca a liberdade que Ananias tinha de não assumir o compromisso da partilha de bens: “conservando-o, porventura, não seria teu?”. Ananias mentiu e o seu pecado o matou, o separou de Deus e da comunidade. O amor ao dinheiro, a falta de confiança na provisão divina e na fidelidade da comunidade levaram Ananias a confiar “desconfiando”. O Evangelho sempre coloca em xeque a nossa relação de apego ao dinheiro.

Safira, ainda que não tenha sido protagonista, consentiu e, diante dessa injustiça, se omitiu. Três horas depois de seu marido estar morto, ela chegou à comunidade (v.7) e sem saber de nada, foi interrogada por Pedro: “Dize-me, vendeste por tanto aquela terra? Ela respondeu: Sim, por tanto” (v.8).

Se a cifra (“tanto”) a que Pedro se referiu foi o valor entregue por Ananias aos discípulos, Safira mentiu e seguiu apoiando a atitude do marido. Se o mesmo “tanto” se referia ao valor real da venda do terreno, Safira não mentiu para Pedro, mas ainda assim pecou porque não se posicionou

contra a atitude injusta de seu marido. A omissão e a conivência diante da atitude de Ananias levaram Safira à morte. Num sistema patriarcal, machista, em que a mulher deveria obedecer cegamente ao marido, Safira não conseguiu priorizar o sistema do Reino de Deus, em que as pessoas são iguais e devem sempre lutar e agir com justiça. Sua omissão lhe causou a morte.

O Evangelho também coloca em xeque a forma como nos relacionamos com as pessoas e com situações delicadas do ponto de vista ético. Quer por fraqueza, indiferença, insegurança ou por outros motivos, a omissão pode até ser uma saída para fugir aos enfrentamentos, mas não é o que Deus espera de nós (Mateus 5.10-12). Assumir o Reino é assumir uma posição: “pois nós não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (Atos 4.20).

Juventude em ação

Ananias e Safira morreram dentro da comunidade. O que fazer? Deixar os corpos ali? O pecado exposto? Não. Isso não seria correto. Para o povo judeu ninguém deveria ficar sem um enterro digno. Na época de Jesus, os corpos, depois de lavados e perfumados, eram envoltos em um lençol e o rosto era coberto com um pano. No relato de Atos, há indícios que os corpos do casal foram cuidados (vv.6,10).

Os protagonistas nesse cuidado são os moços. Na morte de Ananias, se levantaram para retirar o corpo (v.6). Na morte de Safira, entraram para retirar o corpo. É preciso se levantar e entrar em ação para que o que está morto seja retirado do meio da comunidade.

Nas ações desses jovens, podemos buscar hoje inspiração para nossa atuação dentro e fora da comunidade. Deus deseja uma juventude engajada em renovar a igreja e a sociedade em geral, em tirar a morte e a injustiça do seu meio.

Vale destacar que Pedro não teve nenhuma responsabilidade nas mortes de Ananias e Safira. O apóstolo apenas constatou o poder mortal do pecado, do engano e da omissão para a vida humana (vv. 4,9). O pecado mata e pode excluir pessoas da comunidade, mas neste episódio, quem cuidou dos corpos de Ananias e Safira foram irmãos de fé. Eles retiraram os corpos e os enterraram.

A comunidade precisa cuidar de quem erra. O pecado deve ser enterrado, mas as vidas precisam ser cuidadas para ressurgirem. Nesse processo de cuidado e pastoreio, Deus conta com a força da juventude. Essa força não está apenas na faixa etária, mas no espírito renovado em Deus que se torna cada vez mais ciente da sua dependência da Graça, e do seu compromisso na expansão e proclamação do Reino.

Conclusão

Os jovens se levantaram e entraram quando foi necessário. Diante dos projetos de injustiça, precisamos nos levantar para lutar pela justiça. Diante da omissão que se torna conivente com o mal, precisamos entrar em

ação, denunciar o pecado, anunciar a esperança cristã e a urgência da transformação do caráter. Uma juventude evangélica é uma juventude que pratica o Evangelho, pois ele não se resume em palavras. Jesus, o Evangelho, é a Palavra posta em prática.

BATE-PAPO

O que pode nos levar à omissão e engano no convívio cristão? Como evitar essas forças e ajudar a eliminar esses males do meio da Igreja?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Atos 5.1-11

Segunda-feira: Atos 4.5-22

Terça-feira: Marcos 8.34-38

Quarta-feira: Salmo 34.1-10, 15-16

Quinta-feira: Mateus 5.1-12

Sexta-feira: Mateus 19.16-22

Sábado: Atos 2.42-47

ANOTE

ANOTE

This image shows a full page of blank, lined paper. It features approximately 20 evenly spaced horizontal blue lines across its entire width, providing a guide for handwriting or typing. The background is a clean, solid white color.

AS PARÁBOLAS DE JESUS

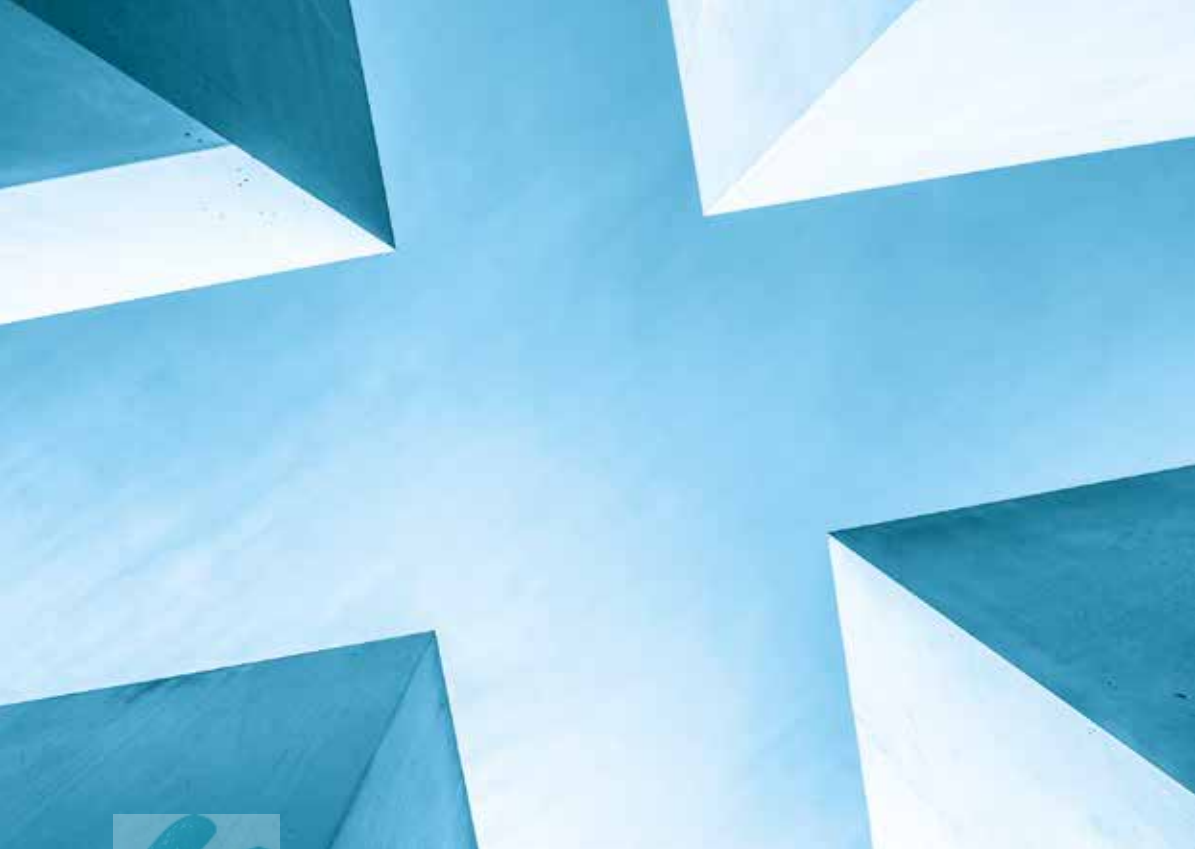
As próximas lições trazem algumas parábolas de Jesus relacionadas à nossa vivência como servos e servas de Cristo. Cabe, então, uma pergunta inicial:

O que é uma parábola e porque Jesus as usava para ensinar?

“Uma parábola descreve verdades e processos espirituais do Reino de Deus por meio de figuras da natureza ou da vida terrena... ela concretiza uma ideia principal” (RIENECKER, 1999, p.217). Aparentemente, trata-se de narrações simples com ilustrações facilmente compreensíveis, mas o “mistério” é entender o seu ensinamento principal, o sentido para o qual a ilustração foi empregada.

Em Mateus 13, ao usar diferentes parábolas sobre o Reino, Jesus explica a seus discípulos porque ensina por parábolas. O que se percebe é que para entender as parábolas é preciso reconhecer a autoridade de Jesus: “porque vendo não veem; e, ouvindo, não ouvem nem entendem” (v.14). Não é que Jesus esteja escolhendo quem pode ou não entendê-las, como se separasse os que ficarão sem entendimento. Mas Ele fala da dureza de coração do povo e sua indisposição para ouvir (v.15).

Para entender a Palavra revelada, é preciso disposição e reconhecimento da autoridade do Senhor e da própria Palavra – não considerar insignificante ou desnecessária só porque não se entende de primeira mão. Embora Jesus usasse elementos simples e do cotidiano, a compreensão da mensagem dependia de uma disposição de aprender a vontade do Senhor e reconhecer a autoridade de Jesus. Ainda hoje é assim: precisamos reconhecer a autoridade da Palavra e do Espírito que a revela (seja diretamente para nós ou através de outra pessoa).



Lição 15

O VALOR DO REINO

Texto Bíblico: Mateus 13. 44-46

“E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem, e compra aquele campo”. v. 44b

Existe uma expressão corrente em nossos dias que afirma que tem coisas que “não têm preço”. É uma tentativa de mostrar que alguns acontecimentos da vida têm valor inestimável, pelos quais não se pode pagar. Esta expressão cabe muito bem para se referir ao Reino de Deus e à salvação encontrada em Jesus: não tem preço! O valor é inestimável... e o preço, na verdade, foi pago na cruz do Calvário. Mas qual será o valor que temos dado de fato a este Reino?

Duas parábolas, uma revelação

Estas parábolas estão somente no Evangelho de Mateus. Elas têm o objetivo de mostrar o valor do Reino de Deus. As duas pessoas, ao encontrar algo tão valioso, vendem tudo o que têm para adquiri-lo.

É interessante pensar que o primeiro encontrou o tesouro por acaso, enquanto trabalhava no campo. Ele fica transbordante de alegria, pois não esperava tamanha dádiva. O segundo, por sua vez, procurava boas pérolas, mas encontra uma tão boa, que vale para ele vender tudo para adquiri-la.

Aprendemos aqui que o Reino é dado graciosamente: ele está ao alcance de todas as pessoas. Sendo procurado ou encontrado sem intenção, ele nos foi garantido por Jesus. Ao pensar no trabalhador do campo, que encontrou o tesouro mesmo sem o procurar, nos lembramos da graça de Deus que permeia a vida humana, um Deus que vem ao nosso encontro, e nos surpreende com seu amor. Às vezes quem encontra a Graça está em busca de um sentido para a vida, de respostas para a existência, como o caso do negociante de pérolas. Também aí é a Graça que atua, revelando a salvação que vem de Cristo como resposta de uma busca.

Uma grande verdade revelada na parábola é que o Reino de Deus tem um valor inestimável, e pode ser encontrado nos caminhos da

vida, o amor de Deus está disponível e acessível. Não importa qual a condição anterior a esse encontro. O importante é a decisão tomada diante dele: para adquiri-lo, é preciso uma ação, uma resposta.

O valor que damos ao Reino

Normalmente mostramos o valor que as pessoas ou coisas têm para nós conforme o tempo e recursos que investimos em relação a elas. No Reino de Deus é assim também: o que fazemos ou investimos para viver nele mostra o valor que lhe damos. Não se trata de valores financeiros ou materiais simplesmente. Envolve renúncia, escolha de priorizar o que realmente tem valor: o Reino Eterno.

“A pessoa para a qual a causa de Deus não é digna de todo sacrifício, jamais compreenderá a preciosidade da pérola. Ela não pode ser destruída, perdida, e já pode ser conquistada aqui na terra, a fim de que atraia nosso coração para o céu... O valor é tão alto que tudo o mais pode e deve ser empenhado” (RIENECKER, 1994, p. 236).

Cada um(a) de nós precisa constantemente renunciar a algo para manter o Reino como prioridade. E se assim fizermos, tudo o mais nos será acrescentado, afirmou Jesus (Mateus 6.36). Há plenitude de alegria e provisão nesta terra, ainda que isso não signifique falta de dificuldades. Muitas vezes provisão vem justamente diante da falta, e isso é extraordinário. Mas para viver

a preciosidade e plenitude do Reino, é preciso reconhecer sua grandeza não com pensamentos e sentimentos, mas com atitudes.

Valor expresso em atitudes

Jesus amou tanto o Reino e a nós que deu a própria vida em nosso favor. Ele renunciou à sua posição de Rei e Senhor, “não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens...” (Filipenses 2.6,7). Paulo, tendo encontrado o Reino, declara: “Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo” (v. 3.7). Este é um aspecto importante da valorização do Reino Deus: de não confiar em nós mesmos e nossos recursos. Ainda que devamos ter gratidão em nossos corações por tudo o que temos e somos, pelas nossas habilidades, amizades, bens e oportunidades na vida, precisamos reconhecer que tudo isso não se compara ao conhecimento de Cristo, aos valores eternos deste Reino de justiça, paz e amor.

Sendo assim, para viver por este Reino, nossa atitude deve ser de dispor tudo o que temos para seu crescimento e estabelecimento nesta terra, a começar de nossas próprias vidas, o que nos leva a outro aspecto importante desta valorização: a renúncia.

Com sua morte e ressurreição, Cristo não só nos dá o perdão e a eternidade, mas uma vida abundante nesta terra. E nós, o que temos dado a

Ele? O tempo que sobra, o dinheiro que sobra, o amor que sobra?

Na fase da juventude, temos muitas demandas, inclusive pensando no futuro: é tempo de estudar, escolher carreira, trabalhar, buscar alguém para constituir família, e costumamos investir nosso tempo e nossas forças buscando sempre o melhor. Isto não está errado. Mas quando nos deparamos com o valor do Reino de Deus, somos chamados e chamadas a rever nossa ordem de prioridades. Qual é nossa garantia do futuro, senão o Senhor? Esse futuro envolve o Reino, então, o quanto estamos investindo nele? Quanto tempo temos separado para buscar comunhão com Deus, com nossos irmãos e irmãs da comunidade de fé, para servir na casa do Senhor com nossos dons e talentos, e ainda, para levar a boa nova do Evangelho para tantas pessoas que ainda não a encontraram? Elas também são alvo do amor e da graça de Deus, que deseja alcançá-las como nos alcançou.

Conclusão

Dar o valor devido ao Reino exige atitude e confiança no Senhor. Precisamos abrir mão do bom que temos para ter o melhor, assim como o trabalhador do campo e o negociante de pérolas. E o melhor é viver a vontade de Deus nessa terra, com sinceridade de coração, investindo nesse reino eterno e com a certeza de que nosso Senhor não deixará que nada nos falte.

Temos feito nossas escolhas colocando o Reino de Deus em primeiro lugar? O que precisa mudar?

Temos feito nossas escolhas colocando o Reino de Deus em primeiro lugar? O que precisa mudar?

Domingo: Mateus 13.44-46
Segunda-feira: Mateus 6.25-34
 Terça-feira: Filipenses 2.1-11
 Quarta-feira: Filipenses 3.1-12
 Quinta-feira: 1Coríntios 6.9-10
 Sexta-feira: Marcos 10.15
 Sábado: Romanos 14.16-19

Domingo: Mateus 13.44-46**Segunda-feira: Mateus 6.25-34**

Terça-feira: Filipenses 2.1-11

Quarta-feira: Filipenses 3.1-12

Quinta-feira: 1Coríntios 6.9-10

Sexta-feira: Marcos 10.15

Sábado: Romanos 14.16-19

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



Lição 16

O AMIGO INOPORTUNO

Texto bíblico: Lucas 11.5-13

"Pedi e dar-se-vos-á..." Lucas 11.9

A oração é um elemento vital no nosso relacionamento com Deus, que nos é totalmente disponível, e muitas vezes não usamos como convém. Com a parábola do "amigo inoportuno", aprendemos alguns princípios desse precioso meio de graça.

Um tipo específico de oração

A Bíblia mostra que na prática da oração existem diferentes modalidades, como a adoração, que exalta o Senhor pelo que Ele é, a confissão, pela qual reconhecemos nossa natureza pecaminosa e pedimos perdão, o louvor, que exalta os feitos do Senhor ou a intercessão, pela qual oramos em favor de pessoas ou causas. Estes e outros tipos devem fazer parte de nossa vida de oração, que é diálogo constante com o Senhor para desenvolver nossa comunhão com Ele. Vale lembrar que no exercício da oração – que é diálogo e não monólogo – devemos encontrar tempo e meios de ouvir também o que o Senhor tem a nos dizer.

Nesta parábola Jesus traz princípios sobre a oração de petição, que é o tipo de oração em que apresentamos a Deus nossos desejos e necessidades. Esta parábola faz parte da resposta de Jesus diante do pedido “Senhor, ensina-nos a orar” (11.1). Depois de apresentar o modelo de oração que chamamos de “Pai Nosso”, Jesus segue com essa história que nos revela princípios da petição e também do relacionamento com Deus.

Inconveniência ou liberdade?

A história é sobre um homem que bate na casa de seu amigo à meia noite para pedir três pães. Num século em que temos em muitas cidades

serviços 24h, que vamos dormir depois das 22h, talvez nos pareça estranho que seja tão inoportuno assim alguém – especialmente um amigo – bater à nossa porta tão tarde, para pedir algo simples. Quantas vezes precisamos de ajuda nas horas mais inusitadas, e se não batemos à porta, pelo menos ligamos ou mandamos whatsapp ou SMS para alguém? E quantas vezes recebemos também tais chamadas?

Hoje em dia pode parecer comum essa ação, mas no tempo de Jesus nada era tão simples. As pessoas não tinham vida noturna porque à noite trazia muitos perigos. Na maioria dos casos a família dormia toda no mesmo cômodo, com a porta para a rua fechada com uma pesada trava e tramela. Abrir a porta, então, era difícil e o barulho acordaria todo mundo na casa, o que seria um transtorno, tornando o pedido inconveniente.

No entanto, era um amigo. Havia urgência e importância no pedido, como veremos a seguir, mas podemos entender também que o amigo sentia liberdade para tal ação. Ele tinha uma necessidade e estava determinado a obter o que precisava, então foi ao lugar onde teria resposta: a casa do amigo. A verdadeira amizade faz isso, nos dá liberdade de procurar quando precisamos, sem o peso de nos sentir atrapalhando.

Nosso relacionamento com Deus também pode ser assim. Podemos ter com Ele uma amizade que nos dá

liberdade para pedir a qualquer hora. Não dorme o nosso Deus (Salmo 121.4), então Ele está disponível em todo tempo. Não há inconveniência em pedir a qualquer hora, há liberdade. Algumas vezes precisamos e podemos até insistir, que não seremos mal interpretados.

Necessidade real

Outro detalhe da história que pode parecer estranho é o pedido do amigo: três pães para dar a um hóspede que chegara de surpresa. A hora que o amigo chegou mostra mais uma vez a liberdade que a amizade traz. Então, porque aquele homem simplesmente não usou dessa liberdade para dizer que não tinha comida em casa?

O fato é que naquele tempo a hospitalidade era uma questão de honra. Ninguém poderia tratar mal um hóspede, ou deixar de dar-lhe o necessário durante sua estadia. Até a segurança era responsabilidade do hospedeiro. Além disso, o alimento era preparado pela manhã para suprir o dia da família, sem prever sobras. O horário não era próprio para cozinhar, já que não havia a facilidade do fogão a gás ou outras do mundo moderno. Então, a saída era pedir emprestado e contar que alguém teria provisão extra em casa.

Aquele homem não estava incomodando o amigo por algo pequeno ou que podia esperar. Era a necessidade da hora, de honrar e cuidar do seu hóspede, e ele não pediu mais

do que precisava. Aqui também aprendemos mais um princípio da petição: temos liberdade para pedir, mas precisamos considerar as reais necessidades.

Não que Deus seja como nós humanos, e vá se incomodar com alguma coisa. Mas Ele que sabe o que é melhor para nós, não dará necessariamente o que pedimos, mas o que precisamos de fato. E temos que reconhecer que às vezes Ele sabe melhor do que nós sobre isso. O modo como Deus responde varia conforme seus propósitos. Há tempos em que Ele nos dará as coisas mais simples que pedirmos, e outros em que Ele nos ensinará a buscar suprimento por nós mesmos. O princípio que vale aqui é que podemos “abusar” usando da liberdade para pedir o que pensamos precisar e estar abertos a receber o que realmente precisamos.

Não somos um incômodo para Deus

Jesus termina a parábola dizendo que se não for pela amizade o amigo atenderá ao pedido para acabar com o incômodo. Mas para Deus, nos ouvir e atender a nossas necessidades não é incômodo. Se algo o incomoda talvez deva ser a nossa postura ao pedir. Ninguém deve dirigir-se ao Senhor pensando que tem algum direito ou mérito. É pelo amor e pela Graça que Ele nos atende. Por causa da sua natureza divina de Pai, que

tem prazer em dar coisas boas aos seus filhos e filhas (Mateus 7.11). Por isso Jesus segue a parábola incentivando a pedir, bater e buscar – níveis diferentes de esforço associados à história contada – porque o Pai celestial dá o Espírito aos que pedem. Ora, o Espírito é o bem maior, pois Ele nos revela a vontade do Pai, consola e instrui, nos ajudando a discernir as reais necessidades da vida, e dando-nos alegria, amor e paz – bens eternos que nos trazem realização nessa terra.

Além disso, a motivação não deve ser egoísta, como não era a do personagem da parábola: ele pediu o pão para atender às necessidades de alguém. Assim devemos considerar que o que Deus nos concede não é apenas para nosso bem-estar,

mas para abençoar as pessoas ao nosso redor.

Conclusão

A melhor forma de aprender a orar é orando. O próprio Espírito Santo nos ensina e inspira, dando-nos a certeza de que o Pai está atento a tudo que nos diz respeito e é poderoso para fazer “infinitamente mais do que o que pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós” (Efésios 3.20). A oração constante (1 Tessalonicenses 5.16) e os momentos a sós com o Senhor (Mateus 6.6) não só fortalecerão a nossa fé, mas nos conscientizarão da presença constante do Senhor que nos capacita a viver para sua glória, sendo bênção nesta terra.

BATE-PAPO

Compartilhe brevemente com a classe suas experiências de oração (obstáculos, orações respondidas, sua prática diária de oração).

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Lucas 11.5-8

Segunda-feira: Tiago 5.13-18

Terça-feira: Salmo 66.16-20

Quarta-feira: Mateus 6.5-18

Quinta-feira: Efésios 3.14-21

Sexta-feira: 2 Pedro 3.8-19

Sábado: Isaías 59.1-2



Lição 17

O QUE FAZER COM OS TALENTOS?

Texto Bíblico: Mateus 25.14-30

“Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou seus servos e lhe confiou os seus bens”. v.14

Através da parábola dos talentos Jesus alerta sobre como aproveitamos as capacidades e recursos que nos são dados por Deus e nos lembra que Ele confia em nós e pedirá contas do que fazemos com aquilo que nos foi confiado nesta vida, que certamente nos abençoa, mas tem o fim maior de servir na construção do seu Reino.

Deus confia em nosso potencial

Na parábola, cada servo recebeu o talento de acordo com sua capacidade. Isso não quer dizer que um era mais importante que o outro; ao contrário, o senhor soube valorizar o que cada um sabia fazer não colocando responsabilidade maior do que eles poderiam assumir. Isto já nos ensina algo sobre a natureza de Deus e seu relacionamento conosco: Ele não nos considera mais ou menos por causa de nossas habilidades; não nos dá tarefa que não possamos cumprir, prova que não possamos vencer. O que Ele espera de nós é que não negligenciemos os talentos colocados em nossas mãos. Assim como os servos da parábola, podemos escolher o que fazer com o que recebemos como talento. Mas nossas escolhas geram consequências com as quais teremos que viver. A expectativa do Senhor é que frutifiquemos e multipliquemos talentos, e podemos contar com Ele para nos ajudar nessa tarefa.

O que escolher?

A parábola mostra duas posturas ou atitudes diante dos talentos confiados aos servos:

1. *Enterrar o talento*: O servo que recebeu um talento foi desaprovado, pois ele enterrou algo valioso, o equivalente a mais ou menos 16 anos de trabalho. Sua justificativa foi o medo de perder o bem do senhor. Quem sabe, na sua insegurança, ele deu

ouvidos a vozes pessimistas que o levaram àquela escolha. Independente do motivo, a consequência foi ficar de fora da festa do seu senhor.

Enterrar o talento pode significar pelo menos duas atitudes: guardar nossos dons e negligenciar a obra de Cristo (dentro e fora da Igreja), ou reter nossos recursos somente para nós, sem nos importar com as necessidades das outras pessoas.

A fome, a desigualdade social, a miséria que vemos no Brasil e no mundo são consequências de talentos enterrados, da falta de disposição de trabalhar para abençoar outras vidas.

Essas marcas também se mostram no dia a dia da Igreja, com tantas demandas e tão poucas pessoas para atendê-las. Muitos ministérios estão inativos ou trabalham precariamente porque há discípulos e discípulas de Jesus enterrando seus talentos. Muitas pessoas estão perecendo sem conhecer o amor e a graça de Deus porque nos acomodamos na tarefa da evangelização. Não é bom que seja assim. Não importa quais sejam nossas justificativas, enterrar nossos talentos – recursos e dons – nos deixará isolados das pessoas e da festa do Senhor, e haverá “choro e ranger de dentes” (v.30).

2. *Trabalhar para multiplicar o talento*. Os servos que receberam dois e cinco talentos fizeram a escolha de trabalhar com empenho para cuidar do bem valioso que lhes fora

confiado. Com esforço e dedicação os talentos foram multiplicados e assim, na volta do patrão, foram recebidos com alegria e honra pelo seu senhor, sendo convidados a participar da festa. Certamente corriam o mesmo risco que o outro servo, mas resolveram enfrentar as dificuldades e o medo. Eles entenderam o privilégio da confiança do patrão.

Hoje, precisamos também fazer nossa escolha em relação aos talentos que o Senhor nos confia. Será que entendemos o privilégio que é ter a confiança do Pai?

Se escolhermos desenvolver nossa capacidade de partilhar, ajudar, amar, interagir com as pessoas, servir com nossos dons, anunciar o que Cristo tem feito por nós, mostrar solidariedade, nossa comunidade de fé se tornará unida, haverá partilha, comunhão, respeito, as marcas do Reino serão visíveis. Se essa dis-

posição se manifestar também para fora do ambiente da Igreja, nosso mundo será melhor, a partir do nosso bairro e cidade.

Não podemos esquecer também que o Senhor voltará e prestaremos contas a Ele. Aquilo que realizarmos com os talentos que recebemos, poderá então nos conduzir à festa eterna que o Senhor tem preparada para todos e todas que fazem parte do seu Reino, iniciado aqui.

Conclusão

A parábola dos talentos nos desafia e motiva a pensar e (re)avaliar nossas atitudes diante de tudo o que o Senhor nos tem confiado: dons, recursos, tempo... o que temos feito com nossos talentos? É tempo de desenterrar os talentos e investir na construção do Reino de amor, justiça e paz. É possível transformar a realidade, com trabalho e fé.

BATE-PAPO

Quais são os talentos que temos tendência de enterrar? Por quê? O que podemos fazer para ajudar-nos mutuamente a multiplicar nossos talentos?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Mateus 25.14-30

Segunda-feira: Lucas 19.11-27

Terça-feira: Eclesiastes 9.7-10

Quarta-feira: 1Coríntios 16.13-14

Quinta-feira: João 9.4-5

Sexta-feira: 1Coríntios 15.57-58

Sábado: Eclesiastes 12

SERMÕES DE WESLEY

Deus sempre usou homens e mulheres para ensinar sua Palavra em toda a história da Igreja, tanto os apóstolos na época do Novo Testamento, quanto pregadores e pregadoras que vieram depois. Temos muitos exemplos: Justino Mártir (100-165), Agostinho de Hipona (354-430), Hildegard de Bingen (1098-1179), Antonio de Lisboa (1195-1231), Júlia de Norwich (1342-1416), Catarina de Siena (1347-1380), Martinho Lutero (1483-1546), são apenas alguns.

O Senhor revelou seu evangelho e levantou cristãos e cristãs para anunciar sua vontade a fim de que o ser humano pudesse andar de forma ética e íntegra em toda justiça de Deus.

Muitos desses ensinamentos se deram por meio de pregações e sermões, que ao ser registrados também pela escrita, são usados no decorrer dos tempos para edificar a Igreja de Cristo e também anunciar a sua salvação.

Nestas próximas quatro lições, iremos examinar a Palavra de Deus pregada e ensinada por John Wesley (1703-1791), pastor anglicano que deu início ao movimento metodista, através de alguns de seus sermões registrados.

Wesley organizou as Sociedades Metodistas e as Classes dentro da Igreja da Inglaterra, lideradas por leigos e leigas, com os objetivos de compartilhar a Palavra de Deus, orar, fortalecer seus membros e pregar. Estas sociedades e classes foram difundidas em vários países. Por andar a cavalo pregando a mensagem da salvação foi apelidado de “O Cavaleiro de Deus”. Calcula-se que, em 50 anos, Wesley tenha percorrido 400 mil quilômetros e pregado 40 mil sermões, com uma média de 800 sermões por ano.

No site <https://goo.gl/nZ8rUh>, da faculdade de Teologia da Igreja Metodista, encontramos 141 Sermões de Wesley traduzidos para o Português. Entre eles estão os 52 Sermões com notas do reverendo William P. Harrison e traduzidos por Nicodemos Nunes.



Lição 18

QUASE CRISTÃO

(SERMÃO 2)

Texto Bíblico: Atos 26.28

“...a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus...” João 1.12

Uma pessoa pode ter uma vida religiosa “praticante” e ainda assim não ser participante do Reino, pois a vida cristã vai além das atitudes exteriores, e a Palavra de Deus mostra essa realidade. No sermão “Quase Cristão”, João Wesley aponta o que qualifica uma pessoa cristã como “quase cristã” e o que falta para ser uma pessoa cristã completa.

A inspiração de Wesley

A base bíblica usada por John Wesley é Atos 26.28, que registra a expressão de um rei chamado Agripa: “Por pouco me persuades a me fazer cristão”. Baseado nesta expressão, Wesley vai pregar sobre os “quase cristãos”: pessoas que, ainda que tenham aparência exterior de justiça e bondade, não possuem a fé salvadora, o amor a Deus e ao próximo.

Ele pregou este Sermão pela primeira vez em Londres em 1741. Foi um esboço para as “Regras Gerais das Sociedades Unidas”, publicadas em 1743, aproximadamente dois anos depois da pregação deste discurso.

Agripa, um “quase cristão”

O apóstolo Paulo havia sido preso porque os judeus da Ásia o acusavam de profanar o templo (Atos 21. 27-40). Por motivo de segurança, ele foi transferido para Cesareia Marítima (23.12-23) e lá permaneceu até que Festo assumiu o governo da província romana da Judeia. Festo desce à Cesareia para ouvir Paulo e as acusações dos judeus (25.4-6) e recebe a visita do rei Agripa e sua irmã, Berenice (25.13). Festo então apresenta e explica o caso de Paulo, gerando interesse do rei em ouvi-lo (Atos 25.13-22).

Paulo faz sua defesa diante do rei Agripa e testemunha o Evangelho. Interrompido por Festo, ele pergunta ao rei se ele acreditava nos profetas.

É neste momento que o rei lhe diz: “Por pouco me persuades a me fazer

cristão” (Atos 26.28). E Paulo responde: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (v.29).

Foi neste contexto que Paulo reconheceu que Agripa era um “quase cristão”.

Wesley diz que “... sempre houve muitos, em todas as épocas e nações, que quase chegaram a ser persuadidos a se fazerem cristãos. Mas, visto que perante Deus de nada vale ir somente até esse ponto, é para nós da mais alta importância considerar: o que implica ser quase cristão e o que é ser totalmente cristão”.¹

Quem são os quase cristãos?

Ser “quase cristão”, na pregação de Wesley é ter a honestidade que toda pessoa não cristã deve ter. Wesley cita ensinamentos dos filósofos que conduziam seus discípulos a uma prática de moral e justiça invejável.

“A segunda coisa inerente ao ser quase cristão, é a posse da forma da piedade, daquela piedade que é prescrita no Evangelho de Cristo; é a aparência exterior de real cristão”. Ele nada faz do que o Evangelho proíba. Pratica os ensinamentos de Cristo, possui forma de piedade e usa dos meios de graça em todas as oportunidades.

Os quase cristãos podem ter a prática constante da oração doméstica e o estabelecimento de

horas destinadas ao culto a Deus, observadas diariamente com seriedade de atitude, praticando assim uma religião exterior com forma de perfeita piedade.

Os quase cristãos são sinceros. “A sinceridade está, pois, implicada, necessariamente, no ser quase cristão; em sua alma há de haver intenção real de servir a Deus e um desejo cordial de fazer-lhe a vontade.”

É possível alguém chegar a este ponto e ainda ser apenas quase cristão? Wesley diz que sim. Conta seu próprio testemunho de homem íntegro e em busca da verdade. Era um religioso sincero que desejava combater o bom combate da fé. Mas afirma com coragem: “ainda assim, minha própria consciência testificava no Espírito Santo, através de todo esse tempo, que eu era apenas — um quase cristão”.

Para Wesley, práticas religiosas perfeitas não transformam a pessoa em verdadeiro cristão.

Quem são os totalmente cristãos?

Diante destas colocações, perguntamos: quem são os verdadeiros cristãos?

Wesley diz que a primeira característica do(a) verdadeiro(a) cristão(ã) é o amor a Deus. “Porque assim diz a Palavra: Amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, e de toda tua alma, e de toda a tua mente, e de todas as tuas forças” (Mateus 22.37).

A segunda característica em que implica o ser totalmente cristão(ã) é o amor ao próximo. Porque assim diz o Senhor nas seguintes palavras: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22.39).

A terceira característica é a fé salvadora que muda a vida total da pessoa. Wesley diz: “uma coisa ainda há que pode ser considerada separadamente, embora no momento se integre nas considerações precedentes, e que define o ser integralmente cristão. Refiro-me ao fundamento de tudo, quero dizer a fé. Coisas mui excelentes se dizem da fé, através dos profetas de Deus. ‘Aquele que crê, diz o discípulo amado, é nascido de Deus’. ‘A quantos o receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus, isto é, os que creem em seu nome’. E: ‘Esta é a vitória que vence o mundo: a vossa fé’. O próprio Senhor, em pessoa, declara: ‘Aquele que crê no Filho tem a vida eterna e não vê a condenação, mas passou da morte para a vida’”.

“A fé que não traz arrependimento, amor e todas as boas obras, não é aquela fé certa e viva, mas uma fé morta e diabólica”.

A reta e verdadeira fé consiste além de crer na Bíblia Sagrada, “uma segura esperança e confiança certa de ser salvo da eterna condenação, mediante Cristo. É uma confiança certa e segura que o homem deposita em Deus, no Deus que, pelos méritos de Cristo, perdoa seus pecados e o restaura no favor do Altíssimo, daí decorrendo um

coração amante, disposto a obedecer a seus mandamentos”.

Esta fé se manifesta nos frutos de justiça e integridade. “Mas, suposto que respondais afirmativamente, formar bons propósitos e nutrir bons desejos fazem um cristão? De forma alguma, a não ser que produzam bons frutos. O inferno — diz alguém — está calçado de boas intenções”.

Ao final do Sermão Wesley faz uma sequência de perguntas que todos nós devemos responder com sinceridade e nos converter ao Evangelho de Cristo. Estas perguntas podem ser resumidas em três: Amo realmente a Deus? Amo realmente

ao próximo? Tenho certeza da salvação, no que Cristo fez por mim na cruz do Calvário?

Conclusão

Wesley faz um apelo que ainda hoje nos cabe a quem quer seguir Jesus: “Tenhamos todos a experiência de ser, não apenas quase, mas integralmente cristãos, sendo justificados livremente por sua graça, pela redenção que há em Jesus; sabendo que temos paz com Deus por Jesus Cristo; regozijando-nos na esperança da glória de Deus; e tendo o amor de Deus derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos é dado”!

BATE-PAPO

Como um “quase cristão” pode ser tornar um verdadeiro cristão? Quais são as três características apresentadas por John Wesley?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Atos 26.28

Segunda-feira: Atos 21.27-40

Terça-feira: Atos 25.1-12

Quarta-feira: Atos 25.13-27

Quinta-feira: Atos 26

Sexta-feira: Mateus 5.17-48

Sábado: Mateus 7.13-21

¹ Esta como as demais citações entre aspas sem referência são retiradas do sermão 2: “Os quase cristãos”. Disponível em: <https://goo.gl/3liFGc> e em <https://goo.gl/UckfVD>.



Lição 19

A CURA DA MALEDICÊNCIA (SERMÃO 49)

Textos bíblicos: Tiago 1.26 e Mateus 18.15-17

“Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã”. Tiago 1.26

A maledicência é um dos pecados mais comuns na vida cristã. Não significa apenas falar mal de outra pessoa, mas também divulgar situações impróprias e privadas de alguém. Mesmo com o argumento da oração, a maledicência pode ser um laço para a Igreja em seus diferentes grupos de convívio. Em seu Sermão 49 Wesley explica o que é a maledicência e como tratar este mal tão comum em nosso meio.

O poder da língua

Tiago deixa claro que a pessoa que não consegue controlar suas palavras tem uma vida cristã vã e inútil (v.1.26). Este tema é trabalhado com muito cuidado em sua epístola.

Em suas Notas Introdutórias, Wesley diz que o governo da língua é tão essencial, que Tiago ilustra o assunto por várias metáforas notáveis. “Um navio é um grande corpo, mas é manobrado por um pequeno leme, uns poucos centímetros de ripa dirigem o curso das maiores embarcações sobre as águas. Quando avaliamos o porte de um navio e o tamanho do corpo humano, verificamos que o leme é tão pequeno em relação ao primeiro como a língua o é em proporção ao segundo. Assim também uma fagulha pode produzir explosão que destruirá uma grande cidade”.¹

Governar a língua é um caminho de santidade. Muitos problemas na família, na Igreja e na sociedade seriam evitados se soubéssemos controlar nossas palavras.

O que é maledicência?

Segundo o dicionário Priberam da língua portuguesa é o “ato de dizer mal, difamação, murmuração”.

Wesley diz que ela “não é, como alguns supõem, o mesmo que a mentira ou a calúnia. Tudo quanto o homem diz pode ser verdadeiro, e ainda seu falar constituir maledicência”.

A maledicência é, nem mais, nem menos, do que dizer mal de

uma pessoa ausente, referindo alguma falta realmente praticada ou dita por alguém que não se encontre presente quando se faz a referência.

É comentar sobre uma pessoa sem dar a ela o direito de defesa.

Wesley cita um exemplo: “Suponhamos que, tendo visto um homem beber, ou ouvi-lo praguejar ou jurar, eu refira o fato quando ele se encontre ausente: isto é maledicência. Em nossa linguagem familiar isto é também chamado, e com extrema propriedade, ‘falar pelas costas’”.

Este pecado é tão comum que para alguns nem pecado é. Contudo, é uma ação que contraria os valores da Palavra de Deus e não promove a justiça, a paz e a alegria do Reino de Deus.

Um mal de todas as pessoas

Homens e mulheres são levados por este caminho de pecado contra o próximo com muita facilidade. Dificilmente alguém nunca caiu neste pecado de comentar o erro de alguém na ausência da pessoa.

Wesley dizia: “Quão poucos são os que podem testificar diante de Deus: Estou limpo neste particular; sempre pus atalaia diante da minha boca e guardei a porta de meus lábios! A própria vulgaridade desse pecado torna-o difícil de evitar. Como estamos rodeados por ele de todos os lados, se não formos profundamente sensíveis ao perigo, e se nos

não guardarmos constantemente, estaremos sujeitos a ser levados na torrente”.

Muitas vezes, seguindo o caminho da falsa santidade ou da falsa preocupação com o próximo, acabamos levando o pecado alheio para rodas de oração, reuniões da Igreja e muitos outros lugares indevidos. Inventamos a “santa maledicência”.

Wesley nota que “ela é mais difícil de evitar porque ela frequentemente nos ataca sob disfarce”. Pensamos que estamos agindo de uma forma simples e comum, contudo o que realmente estaremos fazendo é “dar lugar ao diabo”.

Como evitar a maledicência?

O caminho para evitar a maledicência é a prática do Evangelho segundo Mateus 18.15-17.

Wesley diz: “se vires com teus próprios olhos um irmão, um cristão, cometer pecado inegável, ou o ouvires com teus próprios ouvidos, de modo que te seja impossível duvidar do fato, então teu papel é evidente: aproveita a primeira oportunidade para ires ao seu encontro; e, se tiveres ocasião, “fala-lhe dessa falta entre ti e ele só”.

Este confronto precisa ser feito em espírito de amor e solidariedade. A orientação de Wesley é clara: “Na verdade, grande cuidado se deve tomar em que isto se faça num espírito reto e de maneira correta. O sucesso de

uma advertência depende grandemente do espírito com que é feita. Não estejas, portanto, em falta quanto à fervorosa oração a Deus, para que a exortação seja feita num espírito de seriedade, com profunda, penetrante convicção de que só Deus é que te faz diferir do transgressor; e se qualquer bem for feito por aquilo que se disser agora, é Deus que o opera”.

Muitas vezes nossa intenção é a melhor, mas erramos no modo como falamos. Wesley adverte: “Mas vê que a maneira por que fales seja também segundo o Evangelho de Cristo. Evita tudo no olhar, no gesto, na palavra e no tom de voz que tenha o sabor de orgulho ou de suficiência própria”.

Caso a pessoa não deseje nos ouvir, o Evangelho nos orienta levar testemunhas que “Sejam também mansos e delicados, pacientes e longânimes, incapazes de “retribuir o mal com o mal, a injúria com a injúria, mas, ao contrário, bendizendo sempre”.

Todo nosso gesto deve ser baseado unicamente no amor. “O amor ditará a maneira pela qual devam proceder, de acordo com a natureza do caso”.

Por último deve ser levado à Igreja. Aqui Wesley recomenda que não seja “toda a Igreja”, mas líderes da Igreja que podem, com amor e sabedoria, auxiliar na reconciliação.

Caso não haja reconciliação, então Jesus diz que a pessoa deve ser considerada gentia e publicana.

Wesley dá a seguinte orientação sobre esta palavra do Senhor:

“Não tens obrigação de pensar dele nada mais, a não ser quando o encomendares a Deus em oração. Não mais precisas falar dele, mas entrega-o a seu próprio Senhor. Deves-lhe ainda, em verdade, assim como a todos os demais pagãos, ardente, terna boa vontade. Deves-lhe cortesia e, segundo as ocasiões se apresentarem, todos os serviços de humanidade”. Devemos lembrar que Jesus veio para os publicanos e pecadores.

Conclusão:

No final do sermão Wesley faz um apelo apaixonado: “Oh! que todos vós que suportais o opróbrio de Cristo (...) sede um paradigma ao mundo cristão, ao menos neste exemplo só! Expulsai a maledicência, o falatório, a murmuração: que, nenhuma dessas coisas proceda de vossa boca! Vede que “não faleis mal de homem algum”; do ausente nada, a não ser o bem.

BATE-PAPO

Como vencer a prática da maledicência?
Por que a maledicência está relacionada a falta de amor ao próximo?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Tiago 1.26;
Mateus 18.15-17

Segunda-feira: Tiago 1.19-25

Terça-feira: Salmo 34.11-14

Quarta-feira: Tiago 3.1-12

Quinta-feira: Mateus 12.33-37

Sexta-feira: 1Pedro 2.1-2

Sábado: Colossenses 3.8; Tito 3.1-2

¹ Esta como as demais citações entre aspas sem referência são retiradas do sermão 49: “A cura da maledicência”. Disponível em: <https://goo.gl/3liFGc> e em <https://goo.gl/UckfVD>.

ANOTE



Lição 20

A NEGAÇÃO DE SI MESMO (SERMÃO 48)

Texto bíblico: Lucas 9.23-25

*“Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia
tome a sua cruz e siga-me”. v. 23*

O discipulado segundo o modelo de Jesus é exigente. Se realmente desejamos seguir o Evangelho precisamos negar a nós mesmos, tomar a cruz e iniciar o seguimento. É impossível viver o discipulado sem o caminho da autonegação. Nesta lição examinaremos o Sermão 48 de John Wesley sobre “a negação de si mesmo”, o que nos desafia, como Igreja, a assumir todas as implicações dos ensinamentos do Senhor Jesus.

Um Messias diferente

Após a confissão de Pedro em Cesareia de Filipe, afirmando ser Jesus o Cristo, o Filho de Deus, o Senhor passa a explicar um pouco do que significava ser Messias.

Era necessário que o Messias sofresse. “O sofrimento para ele não era nenhum acidente, mas, sim, uma necessidade divina compulsiva. A cruz era a sua vocação. De acordo com isso, das muitas coisas que ele sofreria, Jesus fala apenas da rejeição final. Logo após ele acrescenta à previsão de sua cruz, uma outra cruz, sendo que esta teria de ser carregada pelos seus seguidores. Há uma diferença, a cruz deles não era literal, e os sofrimentos não tinham poder expiador. Mas era real” (MORRIS, 1974, p. 161).

Esta é a primeira vez que Lucas emprega a palavra cruz e ela entra com efeito marcante. Quem segue a Cristo morre para todo modo de vida (Lucas 14.27). Lucas nos diz que esta não é uma decisão que pode ser acabada ou removida do caminho: deve ser feita dia a dia.

A cruz está relacionada a negar a si mesmo. É um convite a viver a radicalidade do Evangelho em todas as áreas da vida. “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?” (v.25).

Para todos os tempos e todas as pessoas

Wesley nos ensina que este sermão de Jesus não foi dirigido apenas aos

seus apóstolos e primeiros discípulos e discípulas, mas foi encaminhado a toda humanidade “sem exceção ou limitação”.¹

Este ensino de Jesus “é da mais universal natureza, referindo-se a todos os tempos, a todas as pessoas; essas palavras não são meramente comida e bebida, ou coisas que pertençam aos sentidos. A significação do texto é: ‘Se algum homem ou mulher’, de qualquer categoria, posição, circunstância, em qualquer nação, em qualquer época do mundo, ‘quiser’ efetivamente ‘vir após mim, negue-se a si mesmo’ em todas as coisas; ‘tome sobre si a sua cruz’, qualquer que seja sua espécie; sim, e isto diariamente; e siga-me”.

Condição para o discipulado

A negação de nós mesmos é absoluta, indispensavelmente necessária, quer para que nos tornemos discípulos e discípulas de Cristo, quer para que nos conservemos nesta condição.

Wesley diz que se continuamente não negamos a nós mesmos, não aprendemos dele, mas de outros mestres. Se não tomamos diariamente a nossa cruz, não o seguimos, mas acompanhamos o mundo, ou o príncipe deste mundo, ou nossa própria mente carnal. Se não andamos pelo caminho da cruz, não estamos seguindo-o; não estamos andando em suas pegadas; mas estamos retrocedendo, ou, pelo menos, retardando-nos na jornada.

É impossível deixarmos de negar a Cristo, a não ser que nos neguemos a nós mesmos. Wesley ensinava que o fato da pessoa não seguir inteiramente a Cristo, é sempre devido à falta de negação de si próprio e à recusa em tomar sua cruz.

Segue-se que é manifestamente devido à falta de negação de si mesmo, ou de tomar sua cruz, que a pessoa não segue perfeitamente a seu Senhor, não vive plenamente o discipulado de Cristo.

O que é negar a si mesmo?

Significa negar minhas vontades quando elas vão de encontro à vontade de Deus.

Negar a si mesmo não é natural ao ser humano. Wesley dizia que toda nossa natureza deve certamente levantar-se contra isto, mesmo em sua própria defesa; o mundo e, conseqüentemente, os homens que tomam a natureza, e não a graça, por seu guia, aborrecem o próprio som desse enunciado. E o grande inimigo de nossas almas, bem conhecendo sua importância, não pode fazer outra coisa senão levantar todas as pedras contra aquela verdade.

Negar a si mesmo é a negação ou a recusa de seguir nossa própria vontade, pela convicção de que a vontade de Deus nos é a única regra de ação.

Por que devemos negar a nós mesmos?

Baseado no Salmo 51.5, Wesley ensinava que nossa natureza é por

igual corrupta em cada um de seus poderes e em cada faculdade. E nessa vontade, igualmente depravada como o resto, está totalmente vendida para acariciar nossa corrupção natural porque fomos gerados com o pecado original. Somos naturalmente inclinados para o pecado.

A vontade de Deus é o único o caminho que leva diretamente a Ele. A vontade do homem e da mulher, que uma vez correu paralelamente à vontade de Deus, é agora outro caminho, não somente diverso daquele, mas, em nosso estado presente, diametralmente oposto a ele: leva para mais longe de Deus.

Wesley deixa claro eu o ser humano não pode caminhar simultaneamente os dois caminhos: não pode, a um só tempo, seguir sua própria vontade e seguir a vontade de Deus; deve escolher uma ou outra: negar a vontade de Deus para seguir a sua própria, ou, negando-se a si mesmo, seguir a vontade de Deus.

Ele diz: “O negarmo-nos a nós mesmos é negar nossa própria vontade, onde ela não se ajuste à vontade de Deus; e a negação de nossa vontade deve abranger as coisas que mais agradáveis nos sejam. É negar a nós mesmos qualquer prazer que não decorra de Deus e não conduza a Ele; é, com efeito, recusarmo-nos a sair de nosso caminho, mesmo para a estrada deleitável e florida; recusarmos o que sabemos ser veneno mortífero, embora agradável ao paladar”.

O que significa carregar a Cruz?

Cada pessoa que deseja seguir a Cristo e que pretenda ser real discípulo(a), deve não só negar-se a si mesmo, mas também “tomar sua cruz”.

Wesley nos ensina que a cruz é algo contrário à nossa vontade, repugna a nossa natureza. O discípulo vai além de negar a si mesmo. Exige não apenas evitar o pecado, mas assumir a cruz que é tão contrária à nossa natureza. Ele diz: “Ora, correndo a carreira que nos está proposta segundo a vontade de Deus, com frequência encontramos uma cruz erguida no caminho, isto é, alguma coisa que não é agradável, mas dolorosa; alguma coisa que é contrária à nossa vontade, que é repugnante à nossa natureza. Que se deve então fazer? A escolha é simples: ou tomarmos nossa cruz ou desviarmos do caminho de Deus, do santo mandamento que nos foi dado”. Tomar a cruz é “acatar a vontade de Deus,

ainda que contrária à nossa própria vontade; escolher o remédio salutar, embora mais amargo; livremente aceitar a dor passageira, qualquer que seja sua espécie e grau, quando ela seja essencial ou acidentalmente necessária ao eterno prazer”.

Conclusão:

Em seu Sermão Wesley exorta os pregadores a ensinar toda a verdade sobre negar a si mesmo. Retirar a cruz da pregação equivale a destruir o próprio Evangelho. Ele orienta que quem “ensina a Palavra de Deus deve falar da negação de si mesmo e da cruz frequente e largamente; deve inculcar sua necessidade da maneira mais clara e mais forte; deve imprimi-la com toda sua força sobre todas as pessoas, em todos os tempos e em todos os lugares, impondo-a ‘linha por linha, preceito por preceito’: assim terá ele uma consciência livre de ofensa; assim salvará sua própria alma e as daqueles que o ouvirem”.

BATE-PAPO

Wesley dizia que a nossa vontade é oposta a vontade de Deus. Como descobrir e praticar a vontade de Deus em todas as áreas, principalmente em nosso relacionamento com o próximo?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Lucas 9.23-25

Segunda-feira: Filipenses 3.4-11

Terça-feira: Salmo 51

Quarta-feira: Mateus 26 36-45

Quinta-feira: Romanos 6.1-11

Sexta-feira: Hebreus 5.7-9

Sábado: Mateus 10.34-39

¹ Esta como as demais citações entre aspas sem referência são retiradas do sermão 48: “A negação de si mesmo”. Disponível em: <https://goo.gl/31iFGc> e em <https://goo.gl/UckfVD>.



Lição 21

A IMPERFEIÇÃO DO CONHECIMENTO HUMANO (SERMÃO 69)

Texto Bíblico: 1Coríntios 13.9

“Porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos”.

A imaturidade nos faz achar que sabemos tudo. Contudo, o crescimento na graça nos torna humildes e dependentes de Deus. Diante desta descoberta afirmamos que precisamos do Senhor e dependemos do seu amor e direção, pois somos incapazes de entender os mistérios da vida e de Deus.

Wesley ensina, no seu Sermão 69, que aceitar a imperfeição do conhecimento humano é um grande passo para uma vida de humildade, simplicidade e dependência de Deus.

Conhecemos em parte

Paulo deixa claro em 1Coríntios 13.9 que todo conhecimento é parcial. “...em parte conhecemos e, em parte profetizamos” significa que Deus não revela tudo, de sorte que quem é profeta, não menos que a pessoa sábia, dá apenas um vislumbre parcial da verdade.

Este conhecimento em parte está relacionado até mesmo ao Evangelho de Jesus.

No lava-pés (João 13.4-7), Pedro pergunta a Jesus: “Vai lavar os meus pés, Senhor?” (v.6). Jesus lhe responde: “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (v.7).

Muitas coisas que Jesus fez e faz não sabemos. Não temos respostas prontas e perfeitas para nada na vida.

Deus diz através do profeta Isaías que os pensamentos e caminhos deles são mais altos que os nossos (v. 55.8,9). Este conhecimento da nossa própria limitação deve nos levar a uma atitude de humildade e dependência completa do Senhor.

Paulo constrói em nós a esperança de que um dia conheceremos perfeitamente os mistérios de Deus. Ele diz: “porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado (...). Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido (1Coríntios 13.7-9).

O Limite do nosso conhecimento

O desejo do conhecimento é um princípio universal no ser humano, fixado em sua natureza mais íntima. Isso é positivo. Este desejo pelo conhecimento é plantado em toda a alma humana para propósitos excelentes. Com ele, pretende-se impedir nossa inércia em qualquer área na nossa vida, erguendo nossos pensamentos para objetos mais altos, mais merecedores de nossa consideração, “até que ascendamos à fonte de todo conhecimento e toda excelência, o Criador de toda sabedoria e toda graça”, diz Wesley.

Embora nosso desejo de conhecimento não tenha limites, nosso conhecimento, em si mesmo, tem. De fato, ele é confinado em limites bem estreitos; muito mais estreitos do que as pessoas comuns possam imaginar ou as letras estão dispostas a admitir.

Wesley diz que conhecemos muitas coisas em parte, mas a totalidade das coisas está oculta por um projeto divino. Ele diz: “Nessa nossa ignorância profunda é vista a bondade, assim como a sabedoria de Deus, restringindo o conhecimento humano de todos os lados, com o propósito de encobrir a vaidade do homem”.¹

A imperfeição do conhecimento humano

Wesley aponta a imperfeição do conhecimento humano em relação a Deus e ao mundo criado. Ele começa a explicar essa imperfeição com

relação ao próprio Deus, dizendo: “Começamos com o próprio grande Criador. Quão surpreendentemente pouco nós conhecemos sobre Deus! Quão pequena parte de sua natureza nós conhecemos bem como de seus atributos essenciais! Que concepção nós podemos formar de sua onipresença? Quem é capaz de compreender Deus nesse e em todos os lugares? Como Ele preenche a imensidão do espaço? Onipresença: como compreendê-la? Eternidade: quem pode compreendê-la?”

M. Basilea Schlink, cristã alemã, certa vez escreveu em um cartaz: “Senhor, eu não te entendo, mas confio no seu amor”.

Wesley cita também quão pouco o homem conhece do universo, das estrelas e dos planetas. Ele faz uma longa lista de assuntos que eram desconhecidos em sua época e hoje são conhecidos em parte com a evolução da ciência. Ele diz: “Quem pode explicar a luz e a eletricidade? Quem conhece o ar, a chuva, o orvalho? Os continentes, os mares... os vegetais... os animais... o ser humano... os insetos... nosso espírito e alma, nosso corpo...”.

Refletindo sobre a imperfeição do conhecimento, Wesley começa a discorrer sobre questões ilógicas que são difíceis de ser respondidas. Um exemplo é quando a atitude da pessoa que se diz cristã é pior do que a atitude de uma pessoa ímpia que não tem conhecimento de Deus. Quem pode explicar?

Wesley diz: “Tem sido afirmado, e eu temo que seja verdadeiro, que muitos dos assim chamados cristãos

são bem piores do que os pagãos que os rodeiam: são mais devassos e mais abandonados a todo tipo de maldade, não temendo a Deus, nem ao homem! Ó, quem pode compreender isso?”.

O desconhecimento da graça santificadora

Sabemos que a graça de Deus opera em nossa vida. Contudo, nosso conhecimento sobre esta graça é imperfeito.

Wesley diz que há grande variedade no modo e no tempo de Deus conceder sua graça santificadora, por meio da qual Ele capacita seus filhos e filhas a lhe dar todo seu coração, graça que nós não podemos, de modo algum, explicar.

Por que algumas pessoas são santificadas tão rapidamente e outras demoram tanto a caminhar no caminho do discipulado e da santificação? Wesley diz: “Nós não sabemos por que Ele a concede a alguns antes que peçam por ela; a outros, somente alguns poucos dias depois que a buscaram; e ainda permite que outros crentes esperem por ela talvez vinte, trinta, ou quarenta anos; mais ainda, e outros, até poucas horas, ou mesmo minutos, antes que seus espíritos retornem a Ele... Deus indubitavelmente tem razões; mas essas razões são geralmente ocultas dos seres humanos”.

Uma imperfeição nos ensina

Podemos aprender diversas lições valiosas com relação à ignorância do nosso conhecimento. Wesley cita três:

Lição da Humildade: não pensar de nós mesmos, particularmente com respeito ao nosso entendimento, “além do que convém”; mas “pensar com sobriedade”, estando inteiramente convencidos(as) de que não somos suficientes, por nós mesmos(as), para ter um pensamento bom; de que estamos sujeitos(as) a tropeços em cada passo, a errar em todo o momento de nossas vidas, se não tivermos “a unção do Espírito Santo”, que “permanece em nós”; se não for aquele que conhece o que está no ser humano, nos socorrer em nossas fraquezas; e de que “há um espírito, na pessoa, que traz sabedoria”, e a inspiração do Espírito Santo que “traz entendimento”.

Lição da fé e confiança em Deus: A convicção plena de nossa própria ignorância nos ensina a confiar completamente em sua sabedoria. Pode nos ensinar (o que nem sempre é tão fácil, como alguém poderia conceber) a confiar no Deus invisível muito além do que podemos vê-lo! Pode nos auxiliar no aprendizado dessa difícil lição, a “subjugar” nos-

sa própria “imaginação” (ou melhor, raciocínios, como a palavra propriamente significa).

Lição de resignação: Podemos ser instruídos(as) a dizer em todo o tempo e em todas as instâncias, “Pai, não seja como eu quero, mas como tu queres”. Essa é a última lição que nosso bendito Senhor (como homem) aprendeu enquanto estava na terra. Ele não pôde ir mais alto do que “não seja como eu quero, mas como tu queres”, até que Ele curvou sua cabeça e entregou o seu espírito. Que nisso também sejamos semelhantes à sua morte, para que possamos conhecer completamente o “poder de sua ressurreição”.

Conclusão:

Nossa incapacidade de compreender Deus, o mundo e até nós mesmos nos leva a uma total dependência do Senhor. Crer, confiar, amar e praticar a justiça deve ser nosso caminho cristão; ainda que não compreendamos a totalidade da vida, devemos viver com dignidade e fazer a vida das pessoas melhor.

BATE-PAPO

Por que admitir a limitação do conhecimento humano promove a humildade, fé e resignação?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: 1Coríntios 13.9

Segunda-feira: Isaías 55.6-11

Terça-feira: 1Coríntios 13.10-13

Quarta-feira: Provérbios 3.5-8

Quinta-feira: Salmo 131

Sexta-feira: João 13.1-7

Sábado: Salmo 139.1-6

¹ Esta como as demais citações entre aspas sem referência são retiradas do sermão 69: “A imperfeição do conhecimento humano”. Disponível em: <https://goo.gl/3liFGc> e em <https://goo.gl/UckfVD>.



Lição 22

O SEPULTAMENTO DE JESUS

Texto bíblico: João 19.38-42

“Tomaram, pois, o corpo de Jesus e o envolveram em lençóis com os aromas”. v. 40

A morte de Jesus é ofuscada pela sua ressurreição, e isso não poderia ser diferente porque o nosso Mestre venceu a morte! (v.55). No entanto, o episódio do seu sepultamento, por meio das vidas de Nicodemos e José de Arimateia, tem muito a nos ensinar.

Quem é quem?

O relato do sepultamento está presente nos quatro evangelhos: Mateus 27.57-61; Marcos 15.42-47; Lucas 23.50-56; João 19.38-42. O protagonismo de José de Arimateia é destacado em todos eles, mas é apenas o texto de João que cita a presença de Nicodemos.

José de Arimateia é descrito nos evangelhos como: membro do Sinédrio; homem bom e justo; rico; discípulo de Jesus que esperava o reino de Deus.

Nicodemos, cujo nome significa conquistador, era um fariseu, um dos principais líderes dos judeus, também membro do Sinédrio. Ele se aproximou de Jesus (João 3); defendeu o seu ministério perante os fariseus (7.45-53); e auxiliou no sepultamento do Filho de Deus (19.39).

José de Arimateia e Nicodemos representavam duas instâncias de frequente oposição a Jesus. Foi na sinagoga, mediante os conflitos de ideias, que a morte de Jesus começou a ser tramada (Mateus 12.14) e foi o Sinédrio que o entregou à morte (João 18.35). Tanto um quanto outro apresentavam uma discricão na relação com Jesus, talvez por medo, tendo em vista suas posições na sociedade judaica.

A solidariedade vence os obstáculos

Apesar do medo, aqueles homens se mostraram solidários e atuantes num momento crucial da trajetória do Mestre; suas posições sociais ficaram em segundo plano, eles arris-

caram sua reputação. Os discípulos, a essa altura, por conta do pouco prestígio social e do medo, estavam escondidos. Provavelmente, caso fossem pegos teriam um destino semelhante ao de Jesus.

Cada pessoa atua de uma maneira no Reino de Deus; umas são mais explícitas, outras nem tanto. No entanto, a presença de Jesus e o projeto de Deus podem causar revoluções na nossa forma de segui-lo.

Em muitos momentos da caminhada cristã precisamos tomar posição, assumir responsabilidades, e isso nem sempre é fácil, exige coragem. Ao dizer sim ao projeto de Deus, a segurança, a posição social e até mesmo a reputação, ficarão em segundo plano.

No sepultamento de Jesus a ajuda veio de onde menos se esperava. Ao dizer sim ao projeto de Deus, somos convidados e convidadas a rever os nossos critérios de julgamento. Rotular pessoas alimenta preconceitos e encurta a nossa visão. Precisamos ter cuidado com isso. O projeto de salvação é para toda humanidade, o amor de Deus e o poder transformador de Jesus operam onde querem e da maneira como desejam. Não há limites para o agir de Deus.

Quem espera o Reino de Deus

O evangelho de Marcos descreve José de Arimateia como alguém que esperava o Reino de Deus (Marcos 15.43). Tal esperança conduziu a conduta daquele ilustre membro do Sinédrio. Ele não concordou com os

seus companheiros (Lucas 23.51), reivindicou de Pilatos o corpo e junto com Nicodemos cuidou do seu enterro, oferecendo a Cristo a sua própria sepultura (Mateus 27.60). Por esperar pelo Reino, usou seu poder para garantir a dignidade humana. Enterrar o cadáver em uma sepultura era uma forma de lhe honrar a memória.

A espera pelo Reino se traduz em ações que colaboram com a preservação da vida, da integridade, da dignidade. Não é qualquer tipo de espera, não é viver uma espiritualidade egoísta, sem se preocupar com a salvação das pessoas e com a construção de um mundo mais digno e justo. A espera pelo Reino faz você superar seus medos e limitações e se engajar completamente na missão.

Mais de 30Kg de admiração

Existem dois episódios que se referem à unção de Jesus e sua morte. A primeira unção é a realizada por Maria de Betânia (João 12.1-8), que tomou uma libra (327,45g) de nardo (óleo perfumado) para ungir Jesus. Com esse gesto, Maria demonstrou gratidão ao nosso Salvador. Ainda que repreendida, seguiu com seu gesto de adoração.

A segunda foi realizada por Nicodemos que levou cerca de cem libras, mais de 30kg, de um perfume composto de mirra e aloés para preparar o corpo de Jesus. As especiarias tinham duas finalidades: disfarçar o mau odor e grudar os lençóis no corpo. Este era o tradicional enterro com especiarias aromáticas

do povo judeu do primeiro século. O valor é um pouco extravagante, muitos veem isso como símbolo de Jesus ser enterrado como um rei (Novo Dicionário da Bíblia, 2006, p. 881).

Trinta quilos são trinta quilos em qualquer período da história humana, não dá para esconder essa quantidade. Aquele homem que antes fora procurar Jesus à noite, escondido, desta vez não se importou em ser visto neste ato de adoração e de cuidado com Jesus.

Expressões de gratidão e adoração são fruto das transformações que experimentamos quando reconhecemos Jesus como o Messias e Senhor das nossas vidas, e fazem parte da nossa relação com Ele.

Conclusão

José de Arimateia e Nicodemos sinalizam desafios para nossa vida espiritual no que diz respeito a nossa postura de espera pelo Reino e também a como demonstramos nossa gratidão e adoração ao Senhor. O Cristo Ressurreto é a nossa esperança. Na sua graça encontramos força, sabedoria e coragem para sermos discípulas e discípulos de acordo com a vontade do nosso Deus.

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: João 19.38-42

Segunda-feira: João 19.23-27

Terça-feira: João 19.28-30

Quarta-feira: João 19.31-35

Quinta-feira: Isaías 50.1-11

Sexta-feira: João 19.17-42

Sábado: João 20.1-18



Lição 23

O CAMINHO DE EMAÚS

Texto Bíblico: Lucas 24.13-35

“... porventura, não nos ardia o coração, quando ele, pelo caminho, nos falava, quando nos expunha as Escrituras”? v.32

Diversos são os sentidos atribuídos a palavra caminho. No sentido literal, “caminho” pode significar espaço que se percorre, estrada, direção, via. No sentido figurado, opção de vida, forma de agir, etc. Na Bíblia, a palavra caminho também se reveste de muitos sentidos. Além de ser designada como vereda, estrada, atalho, também pode significar medida de distância: “caminho de um sábado” (cerca de 800 metros – Atos 1,12; Êxodo 16.29); a vida humana (Jeremias 10.23); o comportamento; a conduta (1Reis 15.26; Tiago 1.8).

Num sentido teológico, a Bíblia, fala dos caminhos de Deus (Isaías 40.3; 58.2), por onde Ele anda e como age, quais são seus planos e desígnios (Salmo 32.8; Isaías 48.17, 55.8); fala do novo e vivo caminho, que significa o acesso à comunhão com Deus pelo sacrifício de Jesus (Hebreus 10.20), que se apresenta como o Caminho (João 14.6). O texto desta lição relata a caminhada de Jesus com duas pessoas e nos mostra que a sua presença mudou o caminho delas bem como sua forma de caminhar.

No caminho, a desesperança

A ressurreição acabara de acontecer, aquelas duas pessoas, ainda que tivessem ouvido o testemunho das mulheres, preferiram não acreditar. Desesperançados, tomaram outro caminho, saíram de Jerusalém para Emaús, uma cidade que segundo o texto ficava a sessenta estádios, isto é, cerca de 11 km (Lucas 24.13). Não se sabe quase nada sobre Emaús, ele assume o sentido de um lugar comum, sem muito significado, um espaço para quem desiste de projetos e sonhos diante das dificuldades que aparecem. Emaús era o lugar da fuga de quem perdera a esperança.

Desesperança era algo que marcava a forma deles caminharem para Emaús; conversavam sobre o que ia acontecendo, e de tão imersos que estavam nos últimos acontecimentos, ficaram impedidos de reconhecer Jesus. Estavam tão entristecidos que pararam de caminhar (vv.13-17).

A vida cristã é uma espécie de caminhada em direção ao alvo (Filipenses 3.13-14) e as pessoas que nela prosseguem, em algum momento da vida, já caminharam entristecidas, pararam e até mesmo fugiram em outra direção. Entretanto, Jesus Ressurreto, companheiro do caminho, dispõe-se a ir até nós e caminhar conosco.

Primeiro Jesus apareceu àquelas mulheres que foram em sua direção (Lucas 24.1), depois a quem tinha tomado o caminho contrário (vv.13-35) e, por fim, a quem não teve nem coragem de sair de casa para caminhar (João 20.19). Nesses três movimentos de encontro, as pessoas não reconheceram de imediato o Mestre, e com isso podemos aprender que ainda que a tristeza e a desesperança ceguem nossos olhos na caminhada cristã, Cristo está conosco. Isso possibilita que a lágrima cesse e que os olhos se abram para uma nova forma de ver Deus e a vida.

No caminho, a lembrança

Quando Jesus se colocou na trilha da desesperança, Ele a transformou na trilha da lembrança. Quais foram as ações de Jesus nessa caminhada? Ele se aproximou (v.15), perguntou (v.17,19), ouviu (vv.18-24) e falou (vv.25-27). Essa metodologia de Jesus nos inspira agir para abençoar as pessoas que caminham ao nosso lado e que se frustram na caminhada com Deus. O que aprendemos com ela? Ao nos dispor a caminhar com alguém que

se entristeceu na vida cristã, temos que nos aproximar com a disponibilidade de conhecer as experiências da pessoa; para isso é preciso perguntar e calar para ouvir as respostas.

Enquanto caminhavam, Jesus investiu um bom tempo para que aquelas pessoas pudessem se abrir e falar das suas frustrações. Quando elas pararam entristecidas, Jesus também parou. Um ouvido acolhedor é mais importante do que um dedo acusador que recrimina a mudança de caminho. Um coração paciente é mais importante do que pés inquietos diante de quem desanima na caminhada com Deus.

Depois de se aproximar, caminhar, perguntar e ouvir aquelas pessoas, Jesus começou a falar. Seu discurso estava centrado nas Escrituras (vv.25-27), foi a partir delas que Cristo confrontou aquelas pessoas. Enquanto caminhava em direção a Emaús, foi relembrando o que Moisés e os profetas falaram a respeito do Messias, e de como tudo o que havia acontecido já estava sob o controle de Deus.

Discipular pessoas, como fez Jesus, requer de nós conhecimento das Escrituras e orientação do Espírito Santo para usá-las de forma que aqueça o coração de quem escuta e desperte nas pessoas o desejo de conhecer mais. Diante de pessoas que se mostram desanimadas, nossa função é usar a Palavra de Deus para lembrá-las da onipotência, onisciência, e onipresença do Senhor.

No caminho, o descanso

A maneira como Jesus se aproximou e ensinava fez com que eles não quisessem se afastar do Mestre. Depois de uma longa caminhada, já era quase noite quando chegaram à aldeia; Jesus fez menção de ir embora, mas foi convidado a permanecer e aceitou o convite (vv. 28-29). Foi nesta hora, à mesa, que Jesus se revelou. Ao abençoar e partir o pão, foi reconhecido.

A Bíblia não afirma que esses dois discípulos haviam participado da última ceia antes da crucificação, mas certamente conheciam, ainda que de ouvir falar, a forma de Jesus abençoar o alimento, como o fez também na multiplicação de pães que alimentou os cinco mil (v. 9.16) (ASH, 1980, p.335), Jesus está sempre conosco, mas muitas vezes precisamos parar para reconhecê-lo. Ele se revela no descanso da nossa alma e também em detalhes. Diante da agitação e frustrações da vida, precisamos aprender a descansar com Jesus. Tudo o que ouvimos e sabemos a seu respeito pode se tornar revelado nestes momentos.

No caminho, a mudança

A partir do reconhecimento de que era Jesus quem estivera com eles por todo o caminho, “levantaram-se na mesma hora” (v. 33) e voltaram para Jerusalém. Ainda que fosse tarde, como eles tinham dito ao convidar Jesus para ficar com eles, foram para anunciar que o mestre havia

ressuscitado. Tinham pressa em compartilhar a notícia que avivaria a esperança de seus irmãos e irmãs. Não havia nada mais importante.

Jerusalém continuava da mesma maneira que quando a deixaram; havia temor, decepção, seus irmãos e irmãs estavam amedrontados e reclusos em casa. O caminho era o mesmo, a estrada com os mesmos perigos se mantinha. Por que voltar? Com os olhos abertos e o coração aquecido, aquelas pessoas tiveram um novo discernimento: Jesus Cristo, o Caminho, lhes mostrara uma nova forma de caminhar!

A promessa se cumpriu! O Cristo Ressuscitou! Jesus venceu a morte! Sua palavra é verdadeira! Agora não mais caminharíamos com o olhar nas circunstâncias, caminhávamos por fé em Jesus! E, por isso, deveriam voltar,

não poderiam ficar parados, deveriam anunciar a vitória da Vida sobre a Morte.

Ter Cristo revelado em nós é assumir o compromisso de trilhar os caminhos do Reino de Deus, é seguir sua vontade, perseverar nas dificuldades e se submeter integralmente aos propósitos divinos. Não há estrada melhor a trilhar!

Conclusão

Nosso encontro com Jesus Cristo pode mudar a nossa forma de caminhar e orientar os nossos caminhos. Podemos ter o mesmo vigor daquelas pessoas para anunciar o Cristo ressurreto. Há muitas pessoas em dúvida, sem esperança, andando na direção contrária à da vontade de Deus. O Senhor nos chama para nos voltar para essas pessoas.

BATE-PAPO

Quais os desafios que Jesus Cristo propõe para a caminhada da juventude na sua igreja local?

LEIA DURANTE A SEMANA

Domingo: Lucas 24.13-35

Segunda-feira: Salmo 1

Terça-feira: Salmo 25

Quarta-feira: Salmo 37

Quinta-feira: Isaías 55

Sexta-feira: Romanos 11.33-36

Sábado: Hebreus 10